

# Boletim de **Conjuntura da Bahia**

1º TRIMESTRE DE 2023

# Boletim de **Conjuntura da Bahia**

1º TRIMESTRE DE 2023



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

**Jerônimo Rodrigues**

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

**Cláudio Ramos Peixoto**

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E

SOCIAIS DA BAHIA – SEI

**José Acácio Ferreira**

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (DISTAT)

**Armando Affonso de Castro Neto**

DIRETORIA DE PESQUISAS (DIPEQ)

**Jonatas Silva do Espírito Santo**

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO

CONJUNTURAL (CAC)

**Arthur Souza Cruz Júnior**

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (COPES)

**Luiz Fernando Araújo Lobo**

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS

PÚBLICAS (COREF)

**João Paulo Caetano Santos**

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira** (Cenário  
Internacional, Nacional e Estadual)

**Pedro Marques de Santana** (Agropecuária)

**Carla Janira Souza do Nascimento**  
(Produção Industrial)

**Elissandra Alves de Brito**  
(Comércio Varejista)

**Rosângela Conceição** (Serviços e Turismo)

**Arthur Souza Cruz Junior e  
Henrique Rocha Reis** (Comércio Exterior)

**Eduardo Augusto Santos Brito, Gabriel  
Oliveira Barbosa e Marília Jane Campos**  
(Finanças Públicas)

**João Paulo Caetano Santos, Carol Vieira  
e Denis Veloso** (Produto Interno Bruto)

**Luiz Fernando Araújo Lobo**  
(Mercado de Trabalho)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

**Zélia Maria Abreu Góis**

NORMALIZAÇÃO

**Eliana Marta Gomes Silva Sousa**

EDITORIA-GERAL

**Luzia Luna Pamponet**

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

**Ludmila Nagamatsu**

DESIGN GRÁFICO

**Vinícius Luz Assunção**

REVISÃO LINGUÍSTICA

**EGBA**

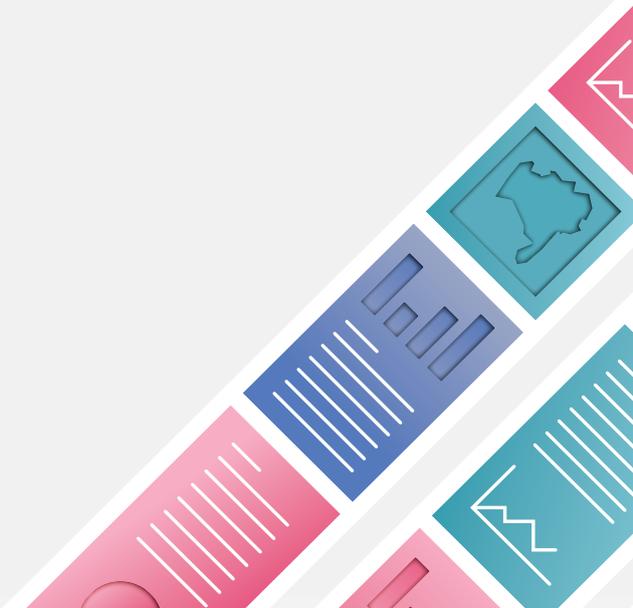
EDITORIAÇÃO

**Perivaldo Barreto Pereira**  
(Autor Visual Design Gráfico)

# SUMÁRIO



PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL.....	5
Cenário Internacional.....	5
Cenário Nacional.....	9
Cenário Estadual.....	15
AGROPECUÁRIA.....	17
Cenário Brasil.....	17
Cenário Bahia.....	17
PRODUÇÃO INDUSTRIAL.....	20
COMÉRCIO VAREJISTA.....	25
SERVIÇOS.....	31
TURISMO.....	34
COMÉRCIO EXTERIOR.....	37
Importação.....	44
FINANÇAS PÚBLICAS.....	47
Panorama baiano.....	50
PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB).....	53
PIB baiano cresce 1,1% no primeiro trimestre de 2023.....	53
PIB em Valor Corrente.....	53
MERCADO DE TRABALHO.....	56



## Panorama INTERNACIONAL, NACIONAL e ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira  
*lmario@sei.ba.gov.br*

### Cenário INTERNACIONAL

No primeiro trimestre de 2023, os principais bancos centrais optaram por manter as políticas monetárias contracionistas, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. O primeiro havia sinalizado aos mercados a possibilidade de que os juros poderiam subir mais e permanecer em patamar elevado por mais tempo, por conta da resiliência da atividade econômica e da persistência da inflação, mas o cenário mudou após a crise dos bancos regionais americanos. Diante disso, o Federal Reserve (Fed) optou por ser mais cauteloso na implementação e prescrição futura para a taxa de juros.

Na Europa, a crise no setor bancário americano se propagou e impactou os bancos europeus, afetando os mercados das economias mais pujantes, embora os eventos financeiros não tivessem sido suficientes para levar o Banco Central Europeu (BCE) a adotar postura menos dura em sua política monetária. Apesar da turbulência, o BCE decidiu, em março, elevar sua taxa em 0,5 p.p. em decorrência da dinâmica pressionada da inflação. Taxa de desemprego em patamares historicamente muito baixos, aceleração nos rendimentos reais e núcleos de inflação ainda pressionados foram determinantes para essa decisão.

Por um lado, a guerra na Ucrânia continuou como fator de incerteza global, mas, por outro lado, o arrefecimento da pandemia da covid-19 melhorou as expectativas de uma desaceleração mais suave em relação a 2022, com o consumo impulsionando a demanda agregada e com a China compensando a retração das economias desenvolvidas com o fim da política de covid zero e a retomada do crescimento.

Diante desses fatores econômicos, geopolíticos e sanitários que marcaram os desempenhos das principais economias ao longo do primeiro trimestre de 2023, os resultados do Produto Interno Bruto (PIB), de certa forma, foram positivos, mas abaixo do verificado no último trimestre de 2022, excetuando a China.

O PIB da China cresceu 4,5% no primeiro trimestre de 2023 em comparação com igual período do ano anterior, segundo o Escritório Nacional de Estatísticas do país, apontando para uma recuperação robusta após três anos de rígidas políticas de pandemia (covid zero) que atrasaram a segunda maior economia do mundo. Na comparação com o trimestre anterior, o resultado apresentou crescimento de 2,2%, o que foi dentro do esperado.

As vendas no varejo, indicador importante de consumo da China, mostraram resultados expressivos no primeiro trimestre. Só em março cresceram 10,6% em relação ao mesmo mês de 2022, sendo um importante motor de crescimento da recuperação econômica da China.

A produção industrial também se fortaleceu, embora não tanto quanto o previsto. No primeiro trimestre, a produção industrial aumentou 3,0% na comparação anual, ficando aquém do ritmo de crescimento esperado, de 4,1%. O investimento em ativos fixos da China aumentou 5,1% no primeiro trimestre do ano, abaixo do ritmo de 5,8% previsto por economistas. A principal medida de desemprego da China, a taxa de desemprego urbana pesquisada, caiu para 5,3% em março ante 5,6% em fevereiro, evidenciando o processo de aceleração do crescimento chinês devido ao aquecimento da demanda, principalmente ao consumo das famílias, e à recuperação das cadeias industriais e de suprimentos no país.

O PIB dos Estados Unidos cresceu 1,3% no primeiro trimestre de 2023, em base anualizada, de acordo a segunda leitura do dado divulgada pelo Departamento do Comércio do país. O resultado significa que o crescimento, nos primeiros meses do ano, foi maior do que o estimado inicialmente. Na primeira leitura, divulgada em abril, o cálculo era de que o PIB cresceria 1,1% no período. Apesar da revisão, o dado segue indicando uma desaceleração da economia americana em relação aos últimos trimestres. No quarto trimestre de 2022, entre outubro e dezembro, o PIB dos Estados Unidos cresceu 2,6%. Já no terceiro trimestre, a alta foi de 3,2%, segundo as últimas revisões disponíveis.

No primeiro trimestre de 2023, o crescimento do PIB americano foi impulsionado pela alta do consumo e de gastos do governo. O destaque permaneceu sendo o consumo privado, que teve alta de 3,7% entre janeiro e março. O consumo privado responde por dois terços do PIB americano e costuma ser o principal fator de crescimento da economia estadunidense.

Para os próximos trimestres, a expectativa é que a economia siga apresentando crescimento moderado. A desaceleração está relacionada às ações do Fed para combater a alta inflação, utilizando como ferramenta o aumento das taxas de juros. A projeção do Fundo Monetário Internacional (FMI) é de que os Estados Unidos terminem o ano com alta de 1,6% no PIB.

A terceira maior economia do mundo, o Japão, cresceu 0,4% no primeiro trimestre de 2023, na comparação com o trimestre anterior, e 1,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse foi o primeiro crescimento positivo em três trimestres. A recuperação da economia após a pandemia da covid-19 e os fortes gastos do consumidor impulsionaram o crescimento geral, auxiliados pela recuperação do turismo receptivo. Segundo explicações de agentes do governo, isso é um sinal de que o impacto da pandemia da covid-19 está diminuindo. Apesar da leitura mais forte do que o esperado para o PIB, os dados revelaram

uma queda significativa nas exportações e indicaram que a economia entrou em estado de recessão técnica no final do ano passado.

Segundo divulgado pela agência Kyodo News, a perspectiva do economista-chefe do Meiji Yasuda Research Institute, Yuichi Kodama, é que o retorno do turismo receptivo apoie a economia mesmo ante um crescimento lento nas exportações para os Estados Unidos e a Europa.

O consumo privado no Japão aumentou 0,6% no trimestre, uma vez que a demanda por carros e bens duráveis foi alta e os consumidores aumentaram os gastos com serviços, como *alimentação fora do domicílio*. Foi o quarto ganho trimestral consecutivo. Já os gastos de capital aumentaram 0,9%, auxiliados pelo aumento dos investimentos relacionados a carros, marcando o primeiro ganho em dois trimestres.

Ainda assim, as exportações japonesas registraram a queda mais acentuada em cerca de três anos, obscurecendo as perspectivas para a economia, em meio a aumentos agressivos nas taxas de juros nos Estados Unidos e na Europa, onde os bancos centrais estão tentando conter a demanda para combater a alta da inflação. As exportações caíram 4,2%, enquanto as importações reduziram 2,3%.

De acordo com estimativas da organização estatística da Comissão Europeia (Eurostat), o PIB da Zona do Euro cresceu 0,1% no primeiro trimestre de 2023, em comparação com o trimestre anterior, e 1,3% ante o mesmo período do ano passado. Isso devido ao aumento do emprego e a um forte aumento nas exportações que impulsionaram o superávit comercial da Zona do Euro, o que mostra uma desaceleração ante o aumento anual de 1,8% registrado no quarto trimestre de 2022. Na União Europeia como um todo, o PIB avançou 0,2% ante esse quarto trimestre e 1,2% em comparação com o primeiro trimestre do ano passado.

Os dados ajustados do primeiro trimestre de 2023 mostraram um salto de 8,5% nas exportações em relação ao mesmo período de 2022, com importações inalteradas, indicando que o comércio líquido contribuiu para o crescimento. O resultado melhor da balança comercial líquida no primeiro trimestre de 2023 decorreu principalmente do aumento das exportações de máquinas, veículos e produtos químicos e da queda nas importações de energia.

O Eurostat também divulgou que o número de pessoas empregadas cresceu 0,6% nesse mesmo período perante o trimestre anterior, tanto no bloco econômico como na área da moeda comum. No quarto trimestre de 2022, o emprego tinha aumentado 0,3% na Zona do Euro e na União Europeia.

Os dados do primeiro trimestre de 2023 confirmaram que a atividade econômica global está mais resiliente, com o consumo impulsionando o crescimento, o que faz postergar a desaceleração esperada pelas instituições multilaterais. Mesmo assim, a projeção contempla desaceleração em relação a 2022, com as economias desenvolvidas crescendo menos, e a China compensando parte desse movimento.

De acordo como relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI), denominado World Economic Outlook (Perspectivas da Economia Mundial), a média de crescimento mundial deverá avançar 2,8% em 2023 (a projeção de janeiro era de 2,9%), e a região da América Latina e Caribe terá crescimento de 1,6% (levemente abaixo do 1,8% projetado em janeiro). Considerando-se apenas os países da América do Sul, a média esperada é de 1%.

Em relação às duas maiores economias do mundo, Estados Unidos e China, o FMI prevê uma desaceleração do crescimento do PIB americano para 1,6% neste ano – em 2022 foi de 2,1%. Por sua vez, a economia chinesa deve acelerar o ritmo de expansão para 5,2% em 2023, impulsionada pela reabertura da economia após três anos de rígidas restrições sanitárias que reduziram o crescimento a 3% no ano passado. Mas o Fundo observa que os problemas do setor de imóveis residenciais ainda representam um obstáculo para continuar o crescimento econômico chinês.

De acordo com o diretor de pesquisas do FMI, Pierre-Olivier Gourinchas, a crise do custo de vida, o aperto das condições financeiras na maioria das regiões, a guerra na Ucrânia e a persistente pandemia impactam de forma negativa nas perspectivas de crescimento.

Segundo o levantamento, a desaceleração econômica deste ano está concentrada nas economias avançadas, especialmente na Zona do Euro, onde houve redução do crescimento para 0,8%, e no Reino Unido, cuja economia deverá contrair 0,3%, de uma expansão de 3,5% e 4%, respectivamente, em 2022.

Por sua vez, muitos mercados emergentes e economias em desenvolvimento estão-se recuperando. No grupo desses países, do qual o Brasil faz parte, a média de crescimento deverá ser de 3,9%.

Outro ponto de preocupação global é a inflação, considerada acima da média observada nas últimas décadas. No curto prazo, o FMI espera uma redução da pressão inflacionária, caindo, de 8,7% no ano passado, para 7% em 2023 e chegando a 4,9% em 2024. Entretanto, Gourinchas afirma que a inflação pode se revelar mais persistente, resultando na necessidade de maior aperto econômico.

Conforme o FMI, mais preocupantes são os efeitos colaterais do forte aperto da política monetária, nos últimos 12 meses, no setor financeiro. Após um período prolongado de inflação contida e taxas de juros extremamente baixas, o rápido aperto da política monetária no último ano provocou perdas consideráveis em ativos de renda fixa de longo prazo. Nesse cenário, investidores nervosos geralmente procuram o próximo elo mais fraco, como fizeram com o Credit Suisse.

O FMI observa que a recente instabilidade bancária é um lembrete de que a situação da economia global continua frágil. "Mais uma vez, os riscos negativos dominam, e a incerteza em torno das perspectivas econômicas mundiais aumentou", escreveu o economista-chefe do FMI.

As mais recentes projeções do FMI também indicam uma desaceleração geral nas previsões de crescimento de médio prazo para a economia global. As previsões de crescimento para os próximos cinco anos caíram para 3% em 2023, ante os 4,6% observados em 2011.

O FMI atribui parte dessa desaceleração ao impacto da pandemia, ao ritmo mais lento das reformas estruturais e à crescente ameaça de fragmentação geoeconômica, que gera mais tensões comerciais, menos investimento direto e ritmo mais lento de inovação. "É improvável que um mundo fragmentado resulte em avanços para todos, ou consiga enfrentar os desafios globais, como as mudanças climáticas ou a preparação para enfrentar novas pandemias. Devemos evitar esse caminho a todo custo", conclui Gourinchas.

Para 2024, a expectativa é que o aumento da atividade econômica global chegue a 3%. O FMI aponta que este é o crescimento mais fraco desde 2001, excluindo-se os períodos da crise financeira global e a fase aguda da pandemia de covid-19.

## **Cenário Nacional**

No primeiro trimestre de 2023, a economia brasileira apresentou desempenho satisfatório, embora alguns setores tenham se destacado mais que outros. Com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os setores de Comércio Varejista e Serviços surpreenderam positivamente em março.

O volume do setor de Serviços avançou 0,9% entre fevereiro e março, na série com ajuste sazonal. Nesse primeiro trimestre, o crescimento foi a 5,8%, ante igual período do ano anterior, com taxas positivas em todas as atividades. O segmento *Transportes* destacou-se como a principal influência positiva em março. O grupamento cresceu 3,6%, acumulando um ganho de 7,0% nos últimos dois meses do trimestre. "O mês de março foi marcado pela expansão

do setor de transportes. A alta foi puxada principalmente pelo transporte de cargas”, explica o analista da pesquisa do IBGE, Luiz Almeida.

Na mesma direção, o varejo acelerou em março, com vendas crescendo 0,8% em relação a fevereiro. “Esse aumento de 0,8% representa a saída de uma estabilidade em fevereiro para um resultado que podemos considerar como crescimento. Além disso, ao observarmos os últimos três meses juntos, vemos ganho de patamar de 4,5% em relação a dezembro do ano passado, último mês de queda”, comenta o gerente da pesquisa, Cristiano Santos. No primeiro trimestre de 2023, as vendas do comércio registraram crescimento de 2,4%, comparado ao mesmo período de 2022.

Na passagem de fevereiro para março, a produção industrial do país avançou 1,1%. A expansão veio após dois meses seguidos de queda, período em que acumulou retração de 0,5%. Com isso, a indústria nacional posicionou-se 1,3% abaixo do patamar pré-pandemia, registrado em fevereiro de 2020. Para o gerente da pesquisa, André Macedo, os primeiros meses de 2023 foram marcados por queda, embora não tivessem disseminado resultado negativo entre as atividades. Já no mês de março, a maior parte das atividades também ficou no campo positivo, e a indústria marcou um crescimento que não era visto desde outubro do ano passado (1,3%). Também há uma melhora de comportamento da produção industrial, considerando esse crescimento de magnitude mais elevada, mas ainda longe de recuperar as perdas do passado recente.

A Indústria geral (transformação mais extrativa) não acompanhou o desempenho dos setores de Comércio Varejista e Serviços. O acumulado no primeiro trimestre de 2023, ante igual período do ano anterior, foi de -0,4%, com resultados negativos em duas das quatro grandes categorias econômicas: *bens de capital* (6,3%) e *bens intermediários* (1,8%). Entre as atividades, as principais influências negativas vieram de *produtos químicos* (-6,8%), *produtos de minerais não metálicos* (-9,6%), *metalurgia* (-4,6%) e *produtos de madeira* (-18,0%).

Esses resultados do primeiro trimestre, somados ao forte crescimento do setor agrícola, diferentemente de 2022, foram beneficiados por condições climáticas mais favoráveis. A entrada da fase final da colheita das culturas de primeira safra no Brasil, no ciclo 2022/23, aponta para uma produção de grãos estimada em 312,5 milhões de toneladas (t), de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O volume representa uma alta de 15,0% na comparação com a temporada 2021/22. A área plantada está estimada em 77,0 milhões de hectares (ha), o que corresponde a um crescimento de 3,3%, na comparação ao ciclo anterior.

As pesquisas mensais do IBGE mostram que a Indústria geral registrou queda, o Comércio Varejista apresentou crescimento modesto, a Agricultura, mais uma vez, mostrou sua competitividade, enquanto os Serviços continuaram expandindo-se, favorecidos pela flexibilização total das atividades presenciais. Em função das surpresas recentes, com os dados do setor de Serviços, o Produto Interno Bruto (PIB) apresentou taxa acima das expectativas dos analistas de mercado no primeiro trimestre de 2023.

Mesmo com a resiliência dos setores, a conjuntura ainda permanece desafiadora, diante das taxas de juros elevadas, da inadimplência e do conflito Rússia-Ucrânia. Apesar desse cenário, a economia continuou gerando emprego formal, conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego. Em março, o Brasil gerou 195.171 mil empregos com carteira assinada, resultado de 2.168.418 contratações e 1.973.247 demissões, representando uma alta de 97,6% em relação a março do ano passado, quando foram criados 98.786 mil empregos formais.

Ainda de acordo com os dados do Ministério do Trabalho, 526.173 mil vagas formais de emprego foram criadas no país no primeiro trimestre deste ano (janeiro a março). O número representa recuo de 15,03% na comparação com o mesmo período de 2022, quando foram criadas 619.318 mil vagas, na série de dados com ajuste, mostrando uma tendência de desaquecimento no mercado de trabalho no primeiro trimestre de 2023.

Os dados do Caged mostram que, ao final de março de 2023, o Brasil tinha saldo de 42,97 milhões de empregos com carteira assinada, o chamado estoque de empregos formais. O salário médio real (descontada a inflação) de admissão foi de R\$ 1.960,72, em março deste ano, o que representa queda em relação a fevereiro, quando estava em R\$ 1.990,78. Em março de 2022, o salário médio de admissão real era de R\$ 1.954,63.

Essa retração no mercado formal de trabalho se refletiu na taxa de desocupação que encerrou o primeiro trimestre de 2023 em 8,8%, um aumento de 0,9 ponto percentual (p.p.) na comparação com o trimestre anterior, mas o menor resultado para o período desde 2015 (8,0%). O número de desocupados cresceu 10,0%, o que representa um acréscimo de 860 mil pessoas à procura por trabalho, chegando a 9,4 milhões. Já o total de ocupados diminuiu 1,6%, o que corresponde a menos 1,5 milhão de pessoas ocupadas, totalizando 97,8 milhões. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADContínua) do IBGE.

Conforme analisa a coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, Adriana Beringuy, "esse movimento de retração da ocupação e expansão da procura por trabalho é observado

em todos os primeiros trimestres da pesquisa, com exceção do ano de 2022, que foi marcado pela recuperação pós-pandemia". Esse resultado do primeiro trimestre pode indicar que o mercado de trabalho está recuperando seus padrões de sazonalidade, após dois anos de movimentos atípicos.

A desaceleração do mercado de trabalho é disseminado entre todas as atividades, mas a maior perda de empregos está ligada à *administração pública*, cujo destaque foi a queda na quantidade de empregados: menos 415 mil. Na sequência, o *comércio* apresentou queda de 294 mil pessoas. Em termos relativos, o segmento com o pior desempenho foi o de *outros serviços*, cuja queda de 231 mil pessoas representa 4,5% da sua força de trabalho.

No primeiro trimestre de 2023, os resultados das pesquisas setoriais e do mercado de trabalho mostraram sinais de desaceleração na economia que foram ratificados pelos resultados do PIB pela ótica da demanda. O que impediu PIB negativo foi o extraordinário desempenho da Agropecuária, 19,6% após cinco quedas consecutivas. A contribuição desse setor foi decisiva para que o PIB registrasse crescimento de 1,9% em relação ao trimestre anterior, já que a Indústria ficou praticamente estagnada (-0,1%), e os Serviços cresceram apenas 0,6%, na mesma base de comparação.

Problemas climáticos impactaram negativamente a Agropecuária no ano passado, no entanto, em 2023, há previsão de safra recorde de soja, o que representa aproximadamente 70% da lavoura no trimestre, com crescimento de mais de 24% na produção. A safra da soja concentra-se no primeiro semestre do ano.

Pela ótica da despesa, fica evidente o desaquecimento da atividade econômica, com variação positiva da *Despesa de consumo das famílias* (0,2%) e da *Despesa de consumo do governo* (0,3%). Houve queda na *Formação bruta de capital fixo* (-3,4%); nas *Exportações de bens e serviços* (-0,4%) e nas *Importações de bens e serviços* (-7,1%) em relação ao quarto trimestre de 2022.

Em relação ao primeiro trimestre de 2022, o PIB avançou 4,0%, após leve queda no último trimestre do mesmo ano (0,5%), nessa base de comparação. A Agropecuária registrou alta considerável de 18,8%, liderada pela soja (24,7%) e o milho (8,8%), com ganhos de produtividade. O setor de Serviços cresceu (2,9%), principalmente pela expansão das atividades de *Transporte, armazenagem e correio* (5,1%) e *Intermediação financeira e seguros* (4,6%); a Indústria cresceu (1,9%), devido às contribuições positivas da *Construção* (1,5%) e da *Produção e distribuição de eletricidade gás e água* (6,4%), com a melhoria das condições hídricas, enquanto a *Indústria de transformação* caiu 0,9%.

Entre os componentes da demanda interna, em relação ao primeiro trimestre de 2022, cresceram a *Despesa de consumo das famílias* (3,5%), principalmente pela melhora do mercado de trabalho e queda da inflação, a *Despesa de consumo do governo* (1,2%) e a *Formação bruta de capital fixo* (0,8%), em razão do crescimento na *Importação de bens de capital* e do desempenho positivo da *Construção*. Porém, no primeiro trimestre de 2023, a taxa de investimento foi de 17,7% do PIB, abaixo da observada no mesmo período de 2022 (18,4%). Já a taxa de poupança foi de 18,1%, acima da taxa registrada no mesmo período observado. Além disso, a variação de estoques cresceu 24%, em termos nominais, nesse primeiro trimestre, contra o resultado do mesmo período do ano anterior, devido à parte da safra agrícola que não foi exportada.

No setor externo, as *Exportações de bens e serviços* cresceram 7,0%, assim como as *Importações de bens e serviços*, que avançaram 2,2%. A balança comercial segue positiva em US\$ 15,7 bilhões, impulsionando a demanda externa que contribuiu para o resultado do PIB com 1,3 ponto percentual.

O crescimento do PIB de 1,9% no primeiro trimestre de 2023, ante o trimestre imediatamente anterior (4%) na comparação com os primeiros três meses do ano passado, superou as estimativas já otimistas do mercado e deixou um carregamento estatístico – uma herança positiva para os trimestres à frente – ,o que vai motivar uma nova onda de revisões de projeções para o crescimento do ano, em geral superiores a 2%.

Mesmo sendo otimistas, muitos economistas têm dúvidas sobre o crescimento do PIB nos próximos trimestres com base nos resultados do primeiro trimestre.

O destaque no trimestre, conforme comentado anteriormente, ficou por conta da Agropecuária, que vem registrando resultados expressivos por conta do aumento da produtividade de culturas voltadas para exportação, como soja e milho, o que não deve se repetir, conforme dados do próprio IBGE. Além disso, o setor de Serviços apresentou crescimento apenas moderado no período, se levado em consideração o padrão apresentado no decorrer do ano passado. Por sua vez, o fraco desempenho da *Indústria de transformação*, por mais um trimestre, mostrou-se incapaz de contribuir de maneira positiva e efetiva para o avanço do PIB nos próximos trimestres. Bem como a perspectiva de desaceleração do crescimento global no decorrer do ano, que deve ser mais acentuada nas economias desenvolvidas do Ocidente, embora também sentida em boa proporção na China, contribuindo para que o PIB, ao final do ano, acabe surpreendendo negativamente.

Pela ótica da demanda, os resultados apresentados não são animadores para os próximos trimestres. A absorção doméstica (consumo das famílias, gastos do governo e investimentos)

contribuiu com uma queda de -0,5 p.p., enquanto a demanda externa contribuiu positivamente com 1,3 p.p., pela retração mais forte das importações do que das exportações.

São previstas uma desaceleração da atividade econômica em consequência das condições de crédito mais apertadas e um menor impulso do consumidor no período pós-pandemia. As recentes medidas de sustentação da demanda, como o reajuste do salário mínimo, o Bolsa Família mais elevado e a isenção do imposto de renda da pessoa física que recebe até dois salários mínimos devem estimular o consumo das famílias. Esse consumo variou apenas 0,2% em relação ao quarto trimestre de 2022 e representa mais de 60% no PIB, apontando para o baixo efeito do estímulo fiscal desse período. Essa situação foi amenizada pela política monetária restritiva, assim como pelo elevado comprometimento de renda das famílias e pela inadimplência que, associados à incerteza econômica, impactaram os investimentos, com queda de 3,4% no período.

O FMI não está tão otimista com a economia brasileira em 2023, é o que aponta o relatório World Economic Outlook (Perspectivas da Economia Mundial), divulgado em abril. A previsão dos resultados noticiados indica que o Brasil deverá crescer 0,9%, novamente abaixo da média mundial e da média dos países da América Latina e Caribe. A projeção é menor do que a do relatório anterior do FMI, de janeiro, quando se esperava crescimento de 1,2% no PIB. Para 2024, entretanto, o FMI manteve a expectativa de que o crescimento econômico brasileiro irá acelerar para 1,5%.

O relatório considera o Brasil ainda sensível a choques inflacionários e alerta para os riscos de desancoragem das metas de inflação. Os desafios que a economia global está enfrentando são imensos, e o enfraquecimento dos indicadores econômicos aponta para mais desafios à frente, de acordo com os dados do Fundo, acrescentando ainda que o atual ambiente macroeconômico é "muito incerto".

Previsões mais recentes, de junho, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), afirmam que as projeções para o Brasil melhoraram no que se refere à expansão econômica, de 1,7% em 2023 e 1,2% em 2024, contra a expectativa em março de 1,0% e 1,1%, para os mesmos anos, respectivamente.

O Banco Mundial elevou de 0,8% para 1,2% a previsão de crescimento do PIB do Brasil em 2023. A projeção consta do relatório Perspectivas Econômicas Globais, divulgado em junho. Apesar da melhora em 2023, o Banco Mundial reduziu de 2% para 1,4% as projeções de crescimento para a economia brasileira em 2024, na comparação com o relatório anterior, divulgado em janeiro.

A OCDE prevê que a inflação no Grupo das 20 principais economias cairá, de 7,8% em 2022, para 6,1% este ano e 4,7% em 2024 – bem acima das metas de muitos bancos centrais, exigindo aumento das taxas de juros por um tempo.

O Banco Mundial, também em junho, citou o impacto crescente dos aumentos dos juros ao elevar sua previsão de crescimento mundial para 2,1% em 2023, mas reduzindo a conta para 2024 a 2,4%, ante uma previsão anterior de 2,7%.

A OCDE aponta sinais positivos da economia, mas com um longo caminho antes de alcançar um crescimento forte e sustentável. A recuperação será mais frágil na comparação com os parâmetros do passado.

### **Cenário Estadual**

Com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a atividade econômica da Bahia apresentou uma desaceleração no primeiro trimestre de 2023. Contribuíram para esse resultado as conjunturas interna e externa ainda pouco favoráveis, a exemplo da política monetária restritiva, da inadimplência e do endividamento elevados no lado doméstico. Externamente, a incerteza sobre os rumos da taxa de juros nos países avançados afetou a demanda e contraiu a economia, como mostram os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) das principais economias, no primeiro trimestre de 2023.

Os dados das pesquisas mensais do IBGE nesse primeiro trimestre em comparação ao ano anterior, sistematizados e analisados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), mostram queda na Indústria geral (5,2%); recuperação no Comércio Varejista (3,6%); expansão do setor de Serviços (8,7%); exportações com recuo de 5,2% e a Agropecuária com registro, mais uma vez, de crescimento.

A geração de empregos formais foi positiva nos três primeiros meses do ano, totalizando 21.141 vagas, resultado de 222.303 admissões e 201.162 desligamentos, aumentando o estoque de vínculos celetistas para 1.922.690. O saldo do primeiro trimestre de 2023 foi inferior ao resultado de 2022, quando 33.625 postos de trabalho foram criados, o que representa uma queda de 37,1%.

A taxa de desocupação aumentou, de 13,5% no quarto trimestre de 2022 para 14,4% no primeiro trimestre de 2023, uma elevação de 0,9 ponto percentual (p.p.), a menor desde o quarto trimestre de 2015, quando tinha sido de 12,4%. Segundo a coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, Adriana Beringuy, “esse movimento de retração da ocupação e expansão da procura por trabalho é observado em todos os primeiros trimestres da pesquisa, com exceção do ano de 2022, que foi marcado pela recuperação pós-pandemia”.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao primeiro trimestre de 2023 mostraram que os resultados positivos para os setores da Agropecuária, do Comércio Varejista e de Serviços, além da geração de emprego formal, impactaram diretamente no PIB da Bahia, porém, com taxa menor que no quarto trimestre de 2022 (1,5%), devido à queda da Indústria de transformação e das exportações.

No primeiro trimestre de 2023, o PIB da Bahia calculado pela SEI cresceu 1,1%, na comparação com o mesmo período de 2022, enquanto, em relação ao quarto trimestre de 2022, a taxa foi 0,7%. Setorialmente, na comparação anual, a Agropecuária cresceu 8,4%, os Serviços tiveram alta de 1,8%, e a Indústria recuou 2,4%, em virtude da retração da Indústria de transformação (5,1%) e da Construção (-1,9%), que juntas representam quase 80% da indústria baiana.

Para o restante do ano, parte dos efeitos do primeiro trimestre tende a se dissipar, especialmente a contribuição positiva da safra agrícola e, de maneira mais lenta, o incremento das transferências de renda. Mas as recentes medidas de sustentação da demanda, como o reajuste do salário mínimo, o Bolsa Família mais elevado, a isenção do Imposto de Renda da Pessoa Física, o Programa Desenrola e a redução da taxa de juros no segundo semestre ante a queda da inflação, podem recuperar o consumo das famílias, que ainda se encontra em estado de retração.

Pelo lado da oferta, a Indústria de Transformação deve voltar a crescer após recuar no primeiro trimestre devido à parada da produção de refino de petróleo, atividade de maior peso no setor. O Comércio Varejista, pelas medidas de estímulo e a base deprimida de 2022, também deve crescer. Os Serviços vão continuar expandindo-se a uma taxa mais modesta que a registrada nos últimos anos.

Com isso, as previsões para o PIB da Bahia em 2023 estão no intervalo entre 1,5% e 1,8%. Inflação em queda, medidas de estímulo ao consumo e recuperação da Indústria de Transformação asseguram mais uma alta do PIB, porém mais modesta que a do ano passado, diante de um cenário internacional incerto, inadimplência, endividamentos elevados e desaquecimento no mercado de trabalho.

## AGROPECUÁRIA

Pedro Marques de Santana  
*pedromarques@sei.ba.gov.br*

### Cenário Brasil

#### Agricultura

Diferentemente de 2022, a safra de verão de 2023 foi beneficiada por condições climáticas mais favoráveis. No Brasil, a entrada na fase final da colheita das culturas de primeira safra, no ciclo 2022/23, aponta para uma produção de grãos estimada em 312,5 milhões de toneladas (t), de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O volume representa alta de 15,0% na comparação com a temporada 2021/22. Já a área plantada está estimada em 77,0 milhões de hectares (ha), o que corresponde a um crescimento de 3,3%, em comparação com o ciclo anterior.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra uma safra nacional de 302,1 milhões de t de cereais, leguminosas e oleaginosas. A estimativa supera em 14,8% a safra obtida em 2022. A área a ser colhida este ano deve ser de 76,4 milhões de ha, o que representa um crescimento de 4,3% (3,1 milhões de ha a mais) em relação à área colhida em 2022. O aumento de área e a melhoria da produtividade das culturas de soja, milho, algodão, girassol, mamona e sorgo explicam o bom desempenho, com destaque para as estimativas da produção de soja e milho, que estabelecem novos recordes.

### Cenário Bahia

Em 2023, a Bahia poderá atingir safra recorde de grãos pelo quarto ano consecutivo. No entanto, até esse primeiro trimestre, as estimativas do IBGE e da Conab divergem quanto ao volume a ser produzido no ciclo atual.

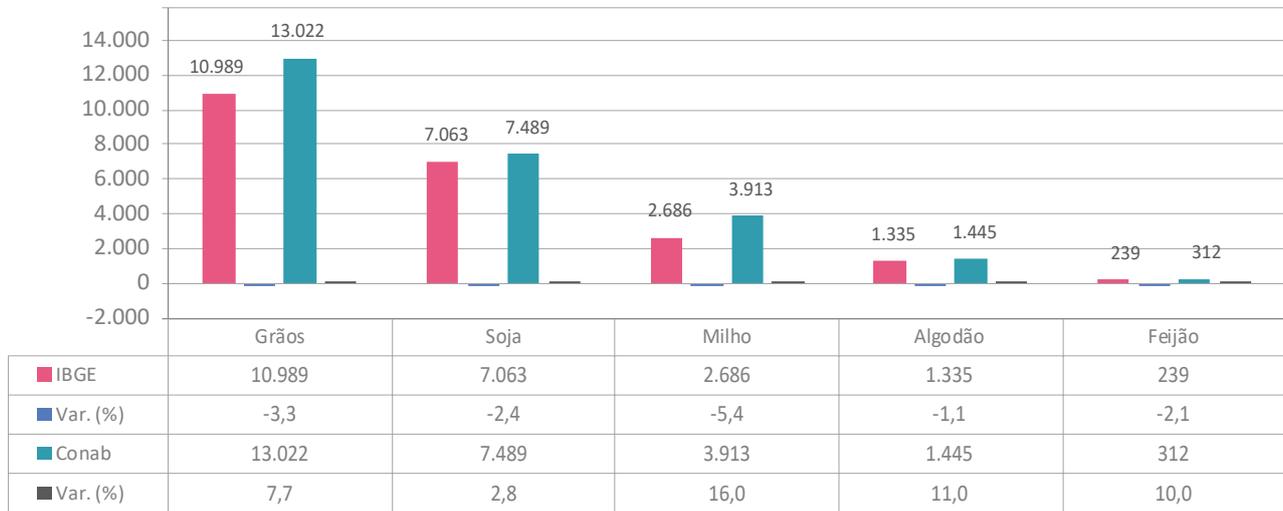
Enquanto o LSPA, realizado pelo IBGE, estimou uma produção de 11,0 milhões de t de cereais, oleaginosas e leguminosas<sup>1</sup>, o que representa um recuo de 3,3% na comparação com a safra de 2022, a Conab<sup>2</sup> estimou, em seu sexto levantamento para o calendário agrícola 2022/2023, produção de 13,0 milhões de t de grãos, o que representa uma expansão de 7,7% em relação ao ciclo 2021/2022. Com relação à área plantada, observa-se uma ampliação de 3,0% na mesma base de comparação, que cobre uma área de 3,8 milhões de ha.

<sup>1</sup> Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

<sup>2</sup> Os dados levantados pela Conab seguem a temporalidade do calendário-safra, que vai de setembro do ano corrente a agosto do ano seguinte, diferentemente do IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

Gráfico 1

## Estimativas comparadas da safra de grãos – Bahia – 2023/2022



Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2023) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2023).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas.

A seguir apresenta-se uma síntese dos resultados fornecidos pelas instituições públicas oficiais que realizam estimativas de produção das principais lavouras do estado.

### Algodão

#### Conab

A colheita do algodão pode superar em 11,0% a encerrada no ciclo anterior, estando estimada em 1,45 milhão de t plantados em 313 mil ha.

### Soja

#### Conab

A soja, segundo a Conab, deve apresentar mais um ciclo de alta em razão de uma área plantada 1,4% superior à da temporada passada. Com isso, a produção pode alcançar 7,5 milhões de t na atual temporada, apontando um crescimento de 2,8% na comparação com o ciclo anterior.

**Milho***Conab*

Com relação à colheita do cereal, estima-se que possa alcançar 3,9 milhões de t. As principais contribuições provêm da primeira (2,7 milhões de t) e da terceira (1,1 milhão de t) safra do cereal. Em seu conjunto, a produção de milho, no estado, apresentou previsão de crescimento de 16,0% em relação ao período anterior.

**Feijão***Conab*

O otimismo também está associado à produção de feijão, cujo volume estimado em 312 mil t (plantado em 432 mil ha) representa um crescimento de 10,0% em relação ao ciclo 2021/2022.

**Outras lavouras permanentes e temporárias**

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estimou produção de 5,47 milhões de t, revelando queda de 2,3% em relação à safra 2022. A produção do cacau, por sua vez, ficou projetada em 121,0 mil t, apontando uma queda de 4,0% na comparação anual.

Em relação ao café, está prevista a colheita de 193,2 mil t este ano, 17,3% abaixo do observado no ano passado. A safra do tipo arábica está projetada em 69,5 mil t, com variação anual negativa de 30,8%. Por sua vez, a safra do tipo canéfora teve previsão de 123,7 mil t, o que corresponde a um volume 7,0% abaixo do nível do ano anterior.

## PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento  
*carlajanira@sei.ba.gov.br*

O setor industrial brasileiro manteve a estabilidade no indicador da produção física (indústrias extrativa e de transformação) entre o quarto trimestre de 2022 e primeiro trimestre de 2023, comparado ao trimestre exatamente anterior (na série com ajuste sazonal), com taxas de 0,0% e -0,4%, respectivamente. Esse comportamento da indústria nacional reflete a demanda doméstica fraca e os efeitos da política monetária restritiva em curso, que afetam diretamente o consumo de bens. Além disso, o ambiente internacional de instabilidade, com alta inflação em diversos mercados, e o conflito entre Rússia e Ucrânia influenciam a dinâmica de preços dos energéticos no mercado mundial.

Apesar do arrefecimento na produção industrial do Brasil no primeiro trimestre, o nível de confiança dos empresários do setor apresentou aumento nesses primeiros meses do ano. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV-IBRE) aumentou 1,1 ponto entre dezembro de 2022 e março de 2023, para 94,4 pontos. Porém, segundo publicação mensal da FGV<sup>1</sup>, "os empresários ainda percebem dificuldades, enfrentando problemas no escoamento dos estoques, fruto do nível baixo de atividade no momento. Apesar da sinalização positiva, é necessário cautela, considerando o cenário ainda de alta incerteza econômica".

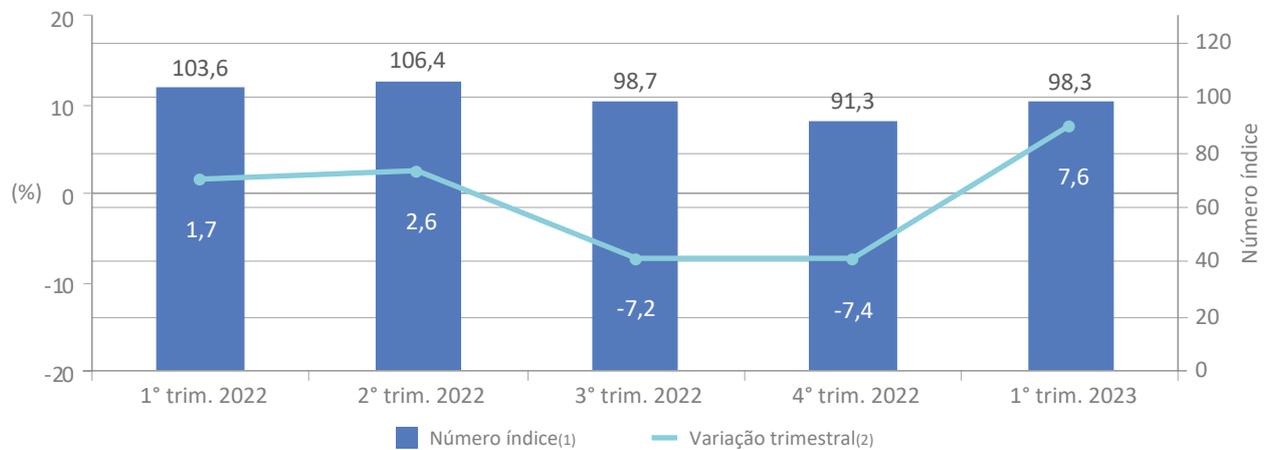
A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física (indústrias extrativa e de transformação), reverteu os recuos observados nos terceiro e quarto trimestres do ano passado, com taxas de, respectivamente, -7,2% e -7,4%, registrando um crescimento de 7,6% no primeiro trimestre de 2023, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)<sup>2</sup>, representados no Gráfico 1.

<sup>1</sup> SONDAAGEM DA INDÚSTRIA: Índice de Confiança da Indústria. FGV/IBRE: Rio de Janeiro, mar. 2023. Disponível em: [https://portalibre.fgv.br/system/files?file=2023-03/sondagem-da-industria-fgv\\_press-release\\_mar23.pdf](https://portalibre.fgv.br/system/files?file=2023-03/sondagem-da-industria-fgv_press-release_mar23.pdf). Acesso em: 15 maio. 2023.

<sup>2</sup> PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, mar. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36958-producao-industrial-cresce-em-11-dos-15-locais-pesquisados-em-marco>. Acesso em: 20 maio. 2023.

Gráfico 1

## Produção física industrial (%) – Bahia – 1º trim. 2022-1º trim. 2023



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2023).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

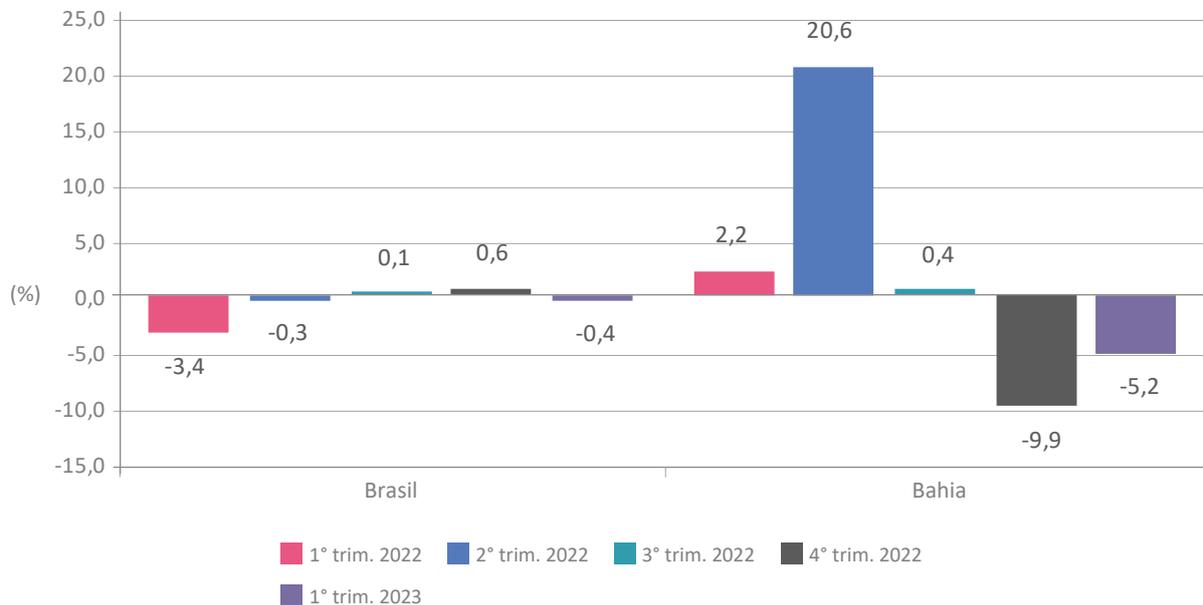
Notas: (1) Número índice ajustado sazonalmente.

(2) Variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

Na comparação com igual período do ano anterior, a produção física da indústria baiana no primeiro trimestre de 2023 reduziu a queda em relação ao quarto trimestre de 2022, passando de -9,9% para -5,2% (Gráfico 2). Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país recuou 0,4%, após registrar avanço de 0,6% no trimestre anterior. O desempenho do setor nacional foi influenciado por *bens intermediários* (-1,8%) e *bens de capital* (-6,3%). Destacam-se os recuos em *intermediários de veículos automotores* (-6,4%) e *de alimentos* (-0,1%) e as perdas na *siderurgia* (-10,0%), *bens de capital para energia* (-14,9%) e *transporte* (-4,0%), principalmente pela menor produção de *defensivos agrícolas* (-18,3%).

**Gráfico 2**

**Produção física industrial – Brasil e Bahia – 1º trim. 2022-1º trim. 2023**



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).

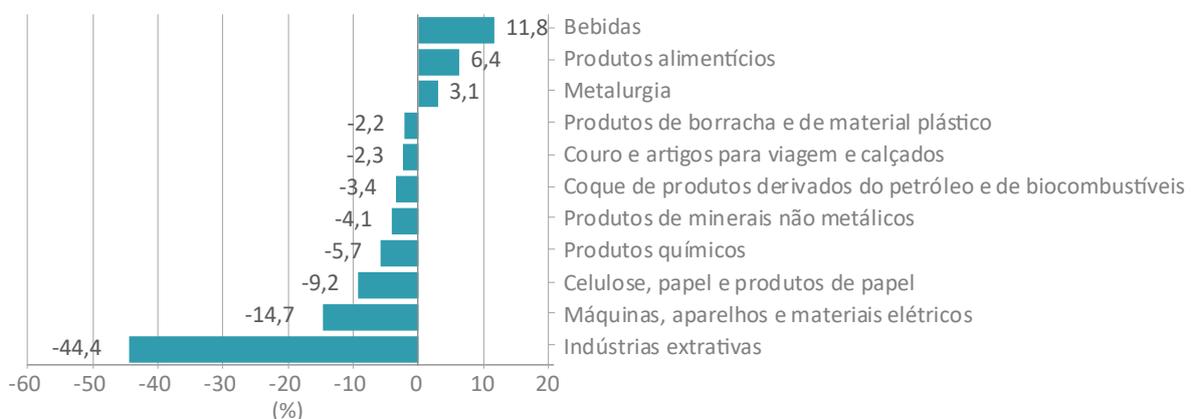
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Na análise dos segmentos da indústria baiana, no período de janeiro a março de 2023, em comparação com o mesmo período do ano anterior, a maioria dos segmentos apresentou taxas negativas, conforme dados ilustrados no Gráfico 3, contribuindo para a forte queda da produção industrial do estado no período.

**Gráfico 3**

**Produção física da indústria por setores de atividade (%) – Bahia – Jan.-mar. 2023**



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2023).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

A indústria extrativa apresentou o principal impacto negativo para a indústria baiana, com taxa de -44,4% no trimestre, principalmente em decorrência do recuo na produção de óleos brutos de petróleo e gás natural. Em dezembro de 2022, a Agência Nacional de Petróleo (ANP) interditou 28 campos terrestres do Polo Bahia Terra, que tiveram a produção de petróleo e gás natural paralisada por questões de segurança. As instalações foram desinterditadas gradualmente, conforme o cumprimento, pela Petrobras, das condições estabelecidas pela Agência. Em maio, a ANP concluiu o processo de desinterdição das instalações do Polo Bahia Terra.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado negativo da indústria de transformação (-2,0%) baiana, tem-se, inicialmente, *Derivados de petróleo*. No primeiro trimestre de 2023, a produção recuou 3,4%, com queda no processamento de gasolina e óleo diesel.

A indústria de *Produtos químicos*, que recuou 5,7% no período, foi prejudicada pela menor produção de bens químicos de uso industrial – principalmente ácido acrílico e etileno não saturado. A falta de competitividade dos produtos químicos nacionais em razão dos elevados custos da principal matéria-prima, o gás natural, levou ao aumento das importações pelo mercado interno e, conseqüentemente, a uma menor produção nacional.

O segmento *Celulose e papel*, refletindo a parada programada para manutenção em unidade do setor, registrou queda na produção de pasta química de madeira. A expectativa é de ampliação da produção no segundo semestre deste ano.

Já o segmento *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos*, que registrou recuo de 14,7%, teve resultado negativo atribuído principalmente à menor produção de eletrodos, escovas e outros artigos de carvão, grupos de eletrogêneos e eletroportáteis elétricos.

Por sua vez, o segmento *Borracha e material plástico*, com queda de 2,2% no período, teve o desempenho influenciado, sobretudo, pela queda na produção de pneus novos para automóveis e caminhões.

A produção de *Minerais não metálicos* caiu 4,1% no trimestre. No período, houve recuo, principalmente, na fabricação de chapas, placas, painéis, ladrilhos e semelhantes de gesso e ladrilhos, placas e azulejos de cerâmica para pavimentação ou revestimentos esmaltados. O desempenho do segmento reflete as incertezas dos empresários diante do cenário de indefinição de várias políticas federais relacionadas ao setor da Construção, além de uma conjuntura de restrições no mercado de crédito devido às elevadas taxas de juros.

Na indústria *Calçadista*, a queda nas atividades ocorreu especialmente pela redução na produção de calçados, influenciada pela diminuição da demanda por esses produtos, devido ao endividamento crescente das famílias brasileiras.

A principal contribuição positiva para o período veio da indústria de *Alimentos* atribuída, em especial, à maior produção fabricação de leite em pó, manteiga de cacau e carne de bovinos, que cresceu, apesar do ambiente macroeconômico interno, com alta nos custos de matérias-primas, insumos e energia.

A indústria de *Bebidas* cresceu em 11,8% no trimestre, impactada pela maior produção de refrigerantes, cervejas e chopes. O retorno das festas populares no período influenciou o desempenho do segmento.

O aumento das atividades de *Metalurgia* ocorreu, sobretudo, pelo crescimento na produção de derivados de cobre, ouro e arames e fios de aço carbono. Esses produtos tiveram alta nos preços internacionais em razão do incremento da demanda, principalmente da China, e da oferta restrita.

Para o ano de 2023, a maior dinâmica da indústria baiana deve ser favorecida pelo aumento na produção de *Alimentos e bebidas*, além de *Celulose* que tem sido beneficiado pelos preços internacionais ainda elevados.

Por sua vez, o ambiente internacional incerto e a expectativa de esfriamento da demanda externa, diante da inflação mundial e do conflito no Leste Europeu, somados ainda ao cenário interno de elevadas taxas de juros, atuam no sentido contrário ao crescimento para o setor industrial.

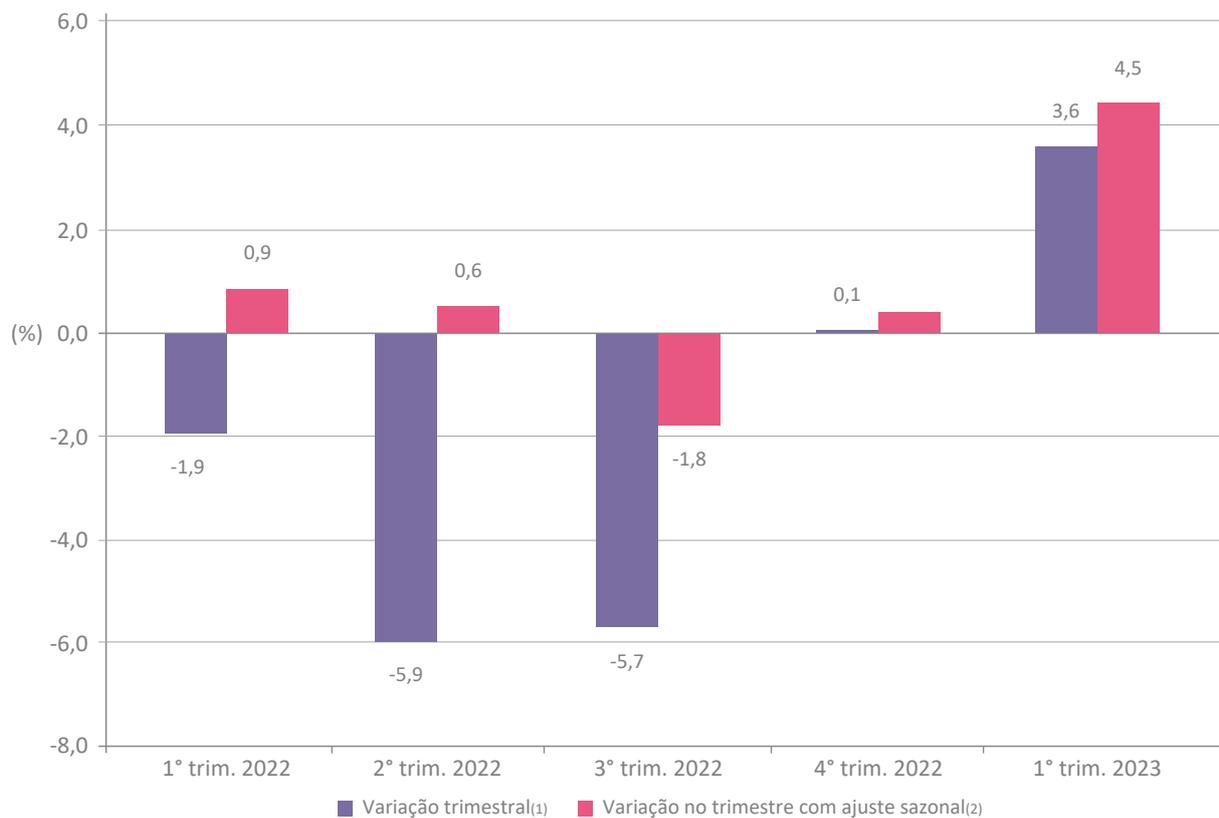
## COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Brito  
elissandra@sei.ba.gov.br

O comércio varejista registrou crescimento nas vendas na Bahia no primeiro trimestre de 2023, em relação ao igual período do ano anterior e na série livre de influências sazonais. Esse comportamento pode ser observado já no último trimestre do ano anterior e é explicado não somente pelo efeito-base, no caso da análise dessazonalizada, mas também por uma expectativa, nas classes de rendas mais baixas, de melhoria na atividade econômica.

**Gráfico 1**

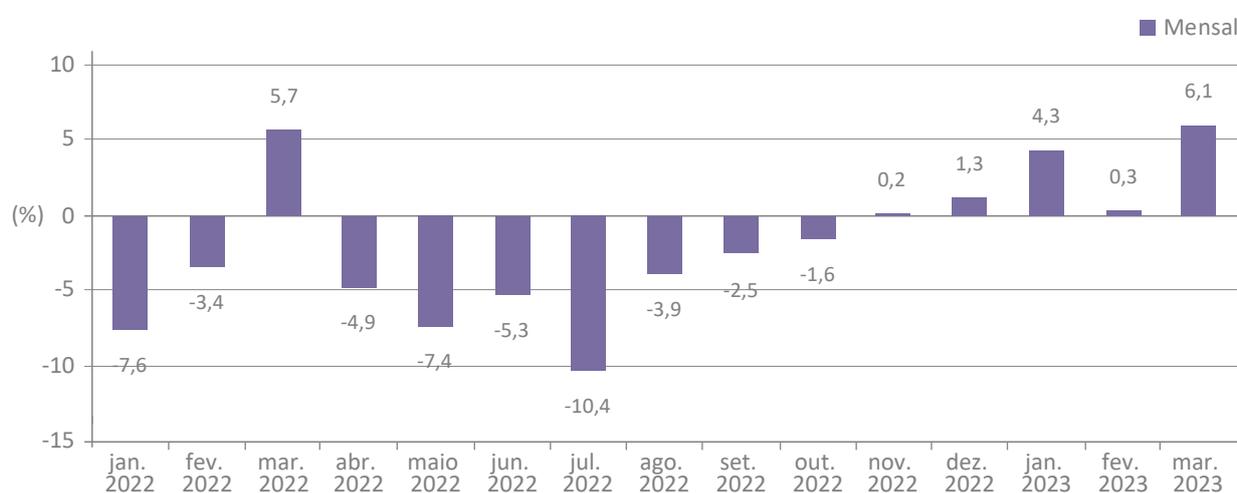
**Volume de vendas de comércio varejista – Bahia – 1º trim. 2022-1º trim. 2023**



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023).  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

No primeiro trimestre de 2023, a despeito do elevado nível de endividamento das famílias, agravado com os juros elevados, houve expansão de 3,6% do volume de vendas em relação ao ano passado, e de 4,5% em relação ao trimestre imediatamente anterior (Gráfico 1). Na análise mensal, os dados apurados pela Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – realizada em âmbito nacional – indicaram mudança de trajetória a partir de novembro de 2022 (Gráfico 2). Por essa ocasião, os efeitos das contratações de final de ano, as temporadas de promoção como a *Black Friday*, a Copa do Mundo e a desaceleração dos preços trouxeram um alento para o setor.

**Gráfico 2**  
**Volume de vendas do comércio varejista – Bahia – 2022-2023**



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023).  
 Elaboração: CAC/Distat/SEI.

Em 2023, as expectativas em torno dos impactos das políticas econômicas a serem adotadas, a percepção mais favorável sobre o mercado de trabalho e a inflação mais baixa influenciaram o setor, resultando num crescimento de 4,3% nas vendas em janeiro. Nesse cenário, de acordo com a Confederação Nacional do Comércio (CNC), a Intenção de Consumo das Famílias (ICF) avançou nos primeiros três meses de 2023, registrando variação anual de 23,7%. Para esse mesmo período, os itens de Momento para Duráveis tiveram crescimento de 32,1%, Perspectiva para o Consumo, 30,4%, Nível de Consumo, 29,3%, e Renda Atual, 29,4%.

No que diz respeito ao nível de consumo, têm-se que a variação positiva deve-se à maior satisfação com o emprego, principalmente para a faixa de renda mais baixa. Com a queda na taxa de inflação, a intenção de consumir aumentou entre as famílias mais pobres, dada a sensação de melhora no poder aquisitivo, a despeito do elevado endividamento dos consumidores e dos altos juros.

No comércio varejista, o cenário descrito anteriormente resultou na expansão das vendas para o acumulado do ano em 3,6% (Tabela 1). Esse crescimento chama a atenção, pois, além dos fatores já citados, no primeiro trimestre os consumidores costumam comprometer o orçamento com gastos sazonais, como pagamentos de impostos, compra de material escolar e gastos provenientes de férias.

**Tabela 1**  
**Volume de vendas do comércio varejista – Acumulado do ano – Bahia – 2023(1)**

Atividade	(%)
<b>Comércio Varejista</b>	<b>3,6</b>
1 - Combustíveis e lubrificantes	19,3
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	3,3
2.1 - Hipermercados e supermercados	4,3
3 - Tecidos, vestuário e calçados	9,0
4 - Móveis e eletrodomésticos	1,3
4.1 - Móveis	-2,7
4.2 - Eletrodomésticos	5,3
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	-5,2
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	39,4
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	11,3
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-14,3
<b>Atacado Selecionado e Outros (2)</b>	<b>2,8</b>
9 - Veículos, motocicleta, partes e peças	-10,1
10 - Materiais de construção	3,4
11 - Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	21,5

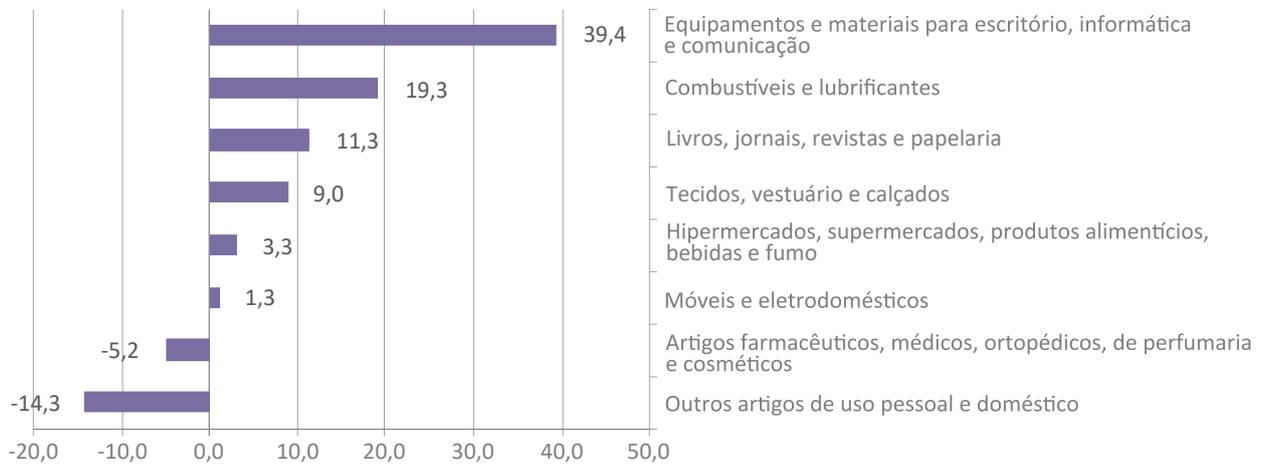
Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023).

Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

Na análise por atividade, tem-se que, dos oito segmentos que compõem o setor, seis registraram comportamento positivo no trimestre analisado: *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (39,4%), *Combustíveis e lubrificantes* (19,3%), *Livros, jornais, revistas e papelaria* (11,3%), *Tecidos, vestuário e calçados* (9,0%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (3,3%) e *Móveis e eletrodomésticos* (1,3%). Já *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (-5,2%) e *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-14,3%) apresentaram retração nas vendas (Gráfico 3).

Gráfico 3

Volume de vendas das atividades do comércio varejista<sup>(1)</sup> – Bahia – 1º trim. 2023

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

\*Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Dentre as variações positivas, tem-se o desempenho de *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* e o de *Combustíveis e lubrificantes*. O crescimento das vendas do primeiro segmento é atribuído à valorização do Real ante o Dólar, enquanto o do segundo grupo deve-se ao comportamento dos preços de combustíveis praticados no período.

O segmento *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, de impacto mais expressivo para o indicador de volume de vendas do comércio varejista, também registrou crescimento nas vendas, mas de forma mais suave. O seu desempenho é resultado do abrandamento dos preços praticados na atividade, já que o segmento comercializa produtos de primeira necessidade. No subgrupo *hipermercados e supermercados* houve expansão de 4,3% nas vendas, na mesma base de comparação.

Já o segmento *Móveis e eletrodomésticos*, bastante influenciado pela disponibilidade de crédito no mercado, tem no encarecimento deste o seu principal entrave. Entretanto, a despeito da alta taxa de juros praticada no mercado, do comprometimento da renda e do elevado grau de endividamento das famílias, o comportamento do subgrupo *eletrodoméstico* influenciou positivamente a atividade com taxa de 5,3% no trimestre.

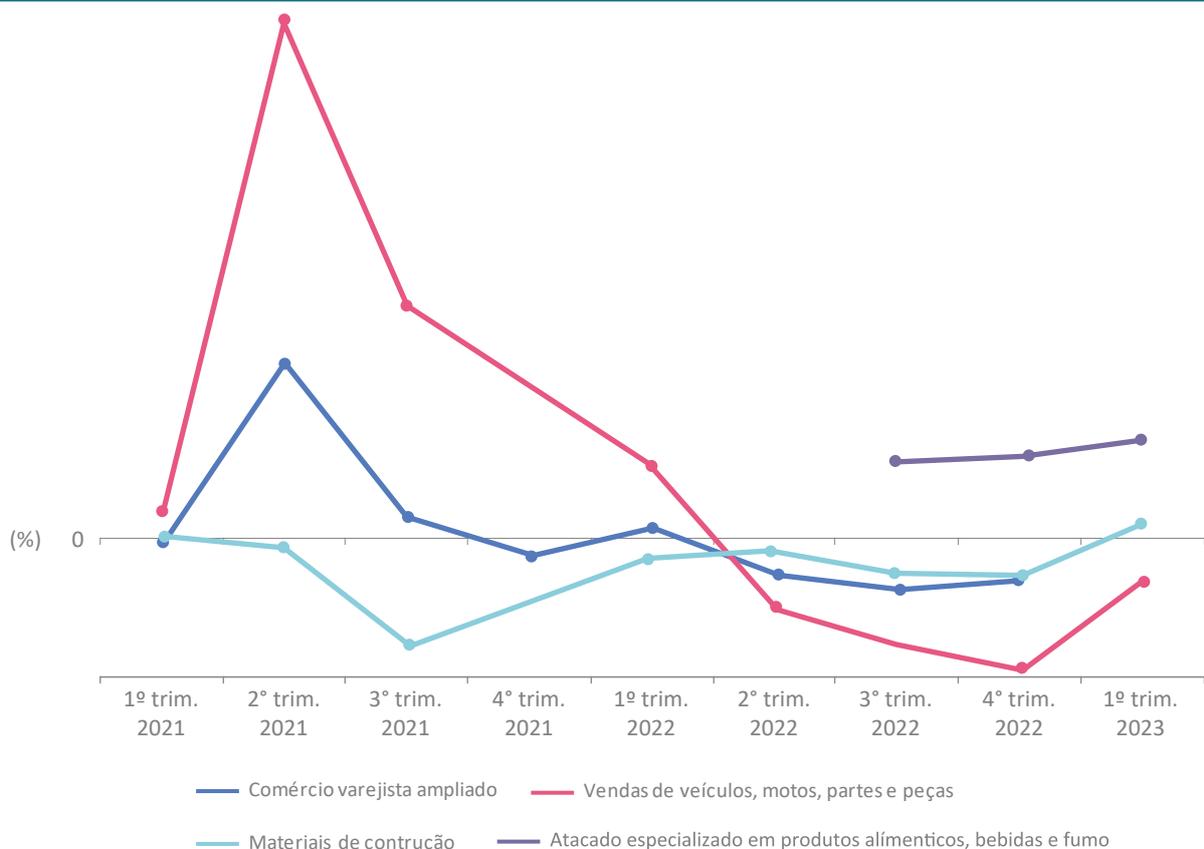
Por sua vez, dentre as variações negativas, têm-se *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* e *Outros artigos de uso pessoal e doméstico*. O comportamento do primeiro grupo pode ser explicado pela acomodação da atividade ante a redução de

casos de covid-19 e a elevação dos preços dos produtos comercializados. Já o do segundo, tradicionalmente responsável por comercializar bens de menor valor agregado é bastante influenciado pelo comprometimento da renda do consumidor, e encontra no elevado endividamento deste um entrave para o seu negócio, pois, gastos com bens considerados supérfluos são postos em segundo plano. Em fevereiro, seu comportamento foi influenciado pelo fechamento do comércio de rua e dos *shoppings centers* no período do Carnaval.

No que diz respeito ao comércio varejista ampliado, que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças, Material de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, a expansão no primeiro trimestre foi de 2,8% em relação ao igual trimestre do ano anterior. Nesse período, o crescimento no ampliado foi determinado pelo comportamento de *Material de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* (Gráfico 4).

Gráfico 4

Volume de vendas do comércio varejista ampliado – Bahia – 1º trim. 2021-1º trim. 2023



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio Varejista (2023).  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

No primeiro trimestre, *Material de construção* expandiu as vendas em 3,4%, sendo influenciado pelo sentimento do consumidor de baixa renda quanto à maior segurança no emprego e à percepção de uma melhora no poder aquisitivo com a queda da inflação. Quanto ao segmento *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, foi registrado crescimento de 21,5%. Verifica-se, portanto, a preferência dos consumidores em adquirir produtos no atacado, dado o diferencial no preço em relação ao varejo. A pesquisa incluiu esse segmento a partir de janeiro de 2023, devido à necessidade de captar o movimento de expansão das vendas verificado em torno dessa atividade.

Por sua vez, *Veículos, motos, partes e peças* refletiu o encarecimento do crédito. Desde abril de 2022, a atividade apresenta taxas negativas nas suas vendas, com exceção do último mês de março (7,6%). Nesse primeiro trimestre, o recuo nas vendas foi de 10,1%. Fortemente influenciada pelo crédito, essa atividade teve suas vendas comprometidas em razão das incertezas quanto ao comportamento da economia do país. Esse cenário, resultante de uma política monetária restritiva, levou as instituições financeiras a restringirem a liberação de crédito, dada a iminente elevação da taxa de inadimplência.

Nesse aspecto, os dados apresentados pela PMC no primeiro trimestre de 2023 revelam que, apesar do endividamento dos consumidores em nível elevado e dos juros altos, o setor respondeu ao estímulo das repetidas quedas da inflação e à melhora no mercado de trabalho. De acordo com os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), no mês de março de 2023, a Bahia gerou 9.324 postos de trabalho com carteira assinada no terceiro mês do ano, o que representa 0,49% sobre o quantitativo de fevereiro de 2023.

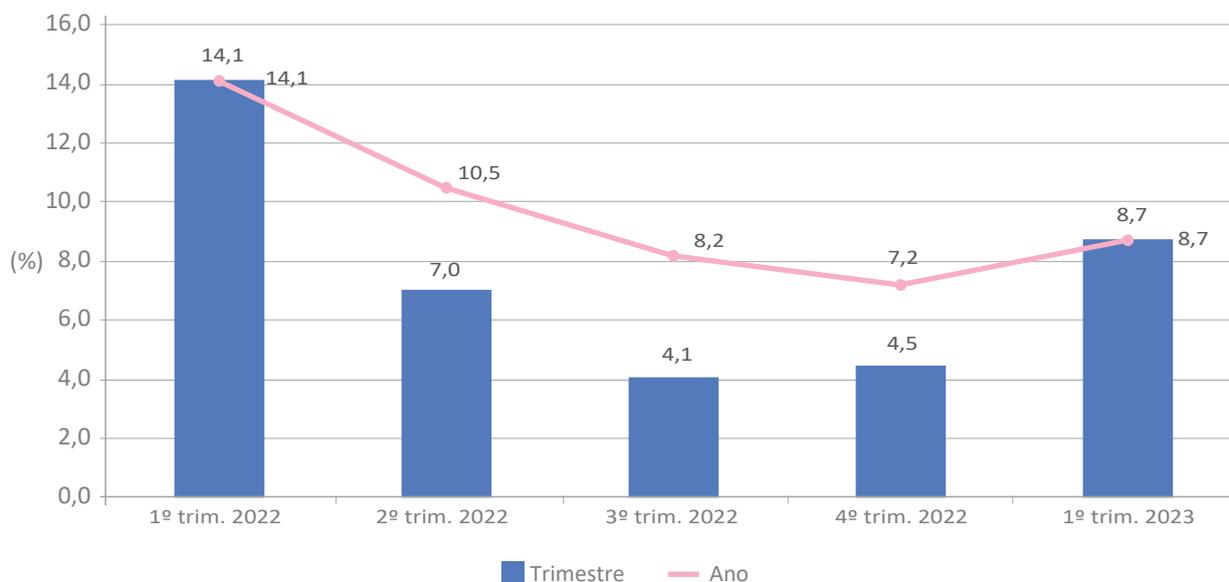
Assim, considerando-se que, no próximo trimestre, o consumidor não terá as despesas típicas do primeiro trimestre, e que o mercado de trabalho deverá continuar estimulado por novas contratações, a perspectiva é que as vendas continuem em ascensão. Essa ideia é reforçada quando se observa que, nos meses de abril, maio e junho, há incentivo do mercado para o impulsionamento das vendas no varejo com as comemorações da Páscoa, do Dia das Mães, segunda melhor data comemorativa para o setor, e por fim das festas juninas.

## SERVIÇOS

Rosângela Conceição  
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os dados da Pesquisa Mensal de Serviços do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o primeiro trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 8,7%, mantendo a aceleração iniciada no ano passado. Essa é a oitava taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação. A variação também contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 5,8% (Gráfico 1).

**Gráfico 1**  
**Volume de serviços(1)(2) – Bahia – 1º trim. 2023-1º trim. 2022**



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Todas as cinco atividades alavancaram o volume de serviços, com destaque para *Serviços de informação e comunicação* (11,5%), atividade que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (10,2%), *Outros serviços* (9,3%), *Serviços prestados às famílias* (9,1%) e *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (8,6%).

Na comparação nacional, todas as 27 Unidades Federativas (UF) contribuíram positivamente para o resultado (5,8%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Tocantins (14,1%), seguido por Piauí (12,5%), Roraima (11,7%), Paraíba (11,3%) e Paraná (11,1%). Nessa comparação, a Bahia (8,7%) contabilizou a décima terceira variação positiva mais expressiva entre as UF, e o Mato Grosso do Sul (0,6%), o resultado menos expressivo.

Nessa análise, a receita nominal baiana seguiu o mesmo comportamento do volume e expandiu 13,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. Todas as cinco atividades incrementaram a receita de serviços, com destaque para *Serviços prestados às famílias* (23,2%), seguida por *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (16,6%), *Outros serviços* (15,8%), *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (10,1%) e *Serviços de informação e comunicação* (10,1%).

Na comparação nacional, todas as UF contribuíram positivamente com o resultado da receita nominal do país, que cresceu 12,0%. As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Tocantins (21,1%), Roraima (19,2%), Paraná (18,1%), Paraíba (17,9%), Piauí (16,5%) e Santa Catarina (16,2%). Nessa comparação, a Bahia (13,4%) contabilizou a décima quinta variação positiva mais expressiva entre as UF, e o Mato Grosso do Sul (2,3%), o resultado menos expressivo.

Conforme a Sondagem Empresarial<sup>1</sup> da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Índice de Confiança de Serviços (ICS) subiu pelo terceiro mês seguido, mas em menor magnitude do que nos meses anteriores: 0,5 ponto em maio, para 92,9 pontos, maior nível desde novembro do ano passado (93,7 pontos). Em médias móveis trimestrais, o índice subiu 1,3 ponto. Com esse resultado pode-se confirmar que, ao longo do primeiro trimestre de 2023, a confiança de serviços alternou o ritmo.

“Os últimos resultados positivos da confiança de serviços fizeram com que o índice em médias móveis trimestrais registrasse recuperação. Essa melhora foi disseminada em praticamente todas as principais atividades do setor, com exceção do segmento *Informação e comunicação*, que vinha sistematicamente em patamar superior. Por sua vez, a melhora mais intensa em maio foi observada no segmento *Serviços profissionais*, que avançou tanto nos indicadores sobre o presente quanto sobre o futuro próximo” (FGV).

<sup>1</sup> SONDAAGEM DE SERVIÇOS. RIO DE JANEIRO: FGV IBRE, maio 2023. Disponível em: <[https://portalibre.fgv.br/system/files/2023-05/Sondagem%20de%20Servicos%20FGV\\_press%20release\\_Mai23\\_0.pdf](https://portalibre.fgv.br/system/files/2023-05/Sondagem%20de%20Servicos%20FGV_press%20release_Mai23_0.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2023.

“Apesar da alta da confiança no setor de Serviços, o índice vem desacelerando nos últimos dois meses. O resultado de maio foi influenciado pela melhora das expectativas econômicas, diferentemente do que vinha ocorrendo nos meses anteriores. Houve piora da percepção sobre a situação atual e pequena oscilação na demanda. Ainda há resiliência do segmento *Serviços prestados às famílias*, para os quais os consumidores ainda parecem sustentar a demanda. Para os próximos meses, é prevista uma redução do pessimismo devido a uma perspectiva de melhora do cenário econômico no segundo semestre do ano”, avaliou Rodolpho Tobler, economista do Instituto Brasileiro de Economia da FGV (FGV-IBRE).

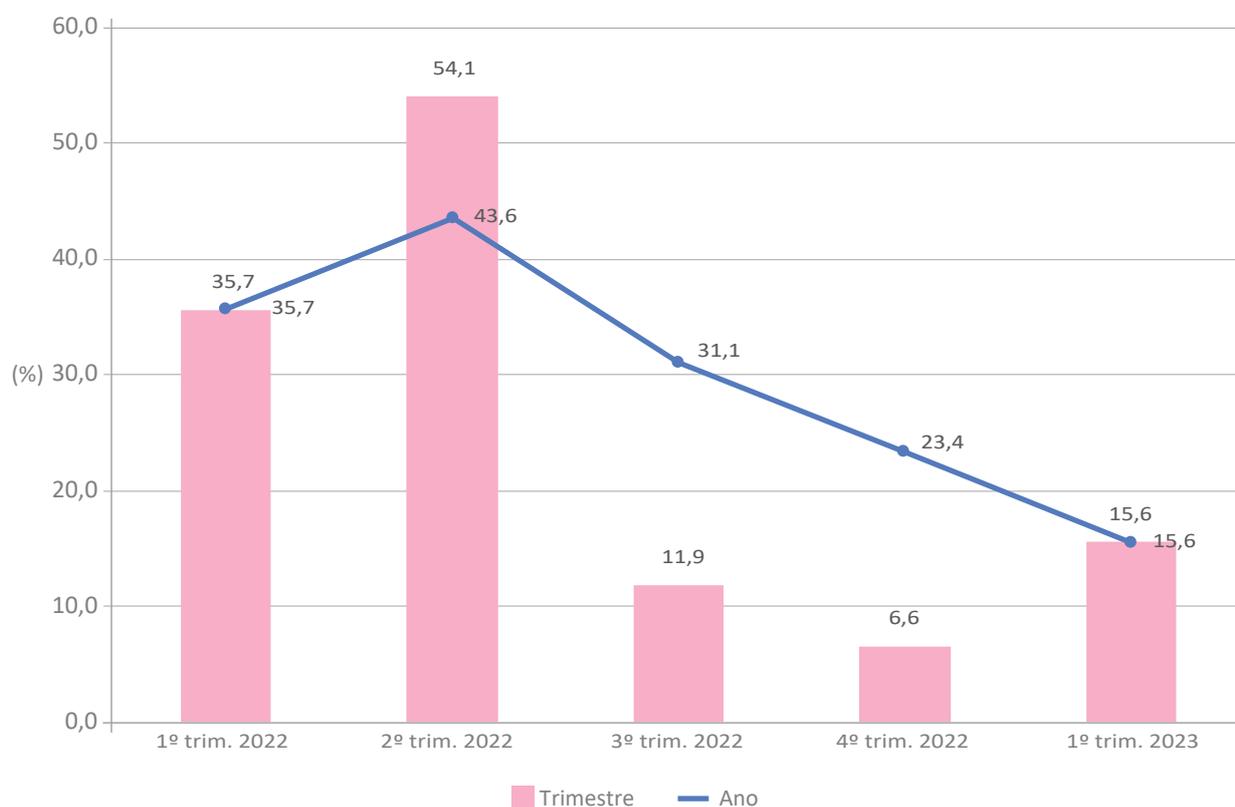
## TURISMO

Rosângela Conceição  
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas<sup>1</sup> na Bahia marcou expansão de 15,6% no primeiro trimestre de 2023, quando comparado com o primeiro trimestre do ano anterior, mantendo a aceleração iniciada em 2022. Essa é a oitava taxa positiva para esse tipo de comparação (Gráfico 1).

Gráfico 1

Volume das atividades turísticas(1) (2) – Bahia – 1º trim. 2023-1º trim. 2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

1 Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil expandiu 11,1% no acumulado do primeiro trimestre, ante igual período do ano anterior. Todos os 12 locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos de Minas Gerais (24,3%), Paraná (17,6%) e Bahia (15,6%). O Distrito Federal (2,2%) assinalou a menor variação entre os locais.

Seguindo o mesmo comportamento, a receita nominal das atividades turísticas no Brasil expandiu 30,1% no acumulado do primeiro trimestre, ante igual período do ano anterior. Todas as UF marcaram o mesmo ritmo de crescimento com destaque para Paraná (35,1%), Minas Gerais (34,9%) e São Paulo (34,9%). Nessa comparação, a Bahia (27,1%) apontou a sétima variação positiva mais expressiva, e o Espírito Santo (17,6%), a variação menos expressiva entre os locais.

Com a mesma tendência do volume e da receita nominal das atividades turísticas, o setor confirma o bom desempenho na Bahia. De acordo com informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, o setor de Turismo incorporou 402 novos postos de trabalho com carteira assinada, decorrentes da diferença entre 15.352 admissões e 14.950 desligamentos no primeiro trimestre de 2023. Tal resultado, mesmo relevante, se revelou menor do que o de um ano antes, já que o saldo no conjunto dos meses de janeiro a março de 2022 havia sido de 1.130 novos empregos celetistas naquele íterim.

Dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo<sup>2</sup>, 12 exibiram saldo positivo, outros 12 registraram saldo negativo e três ficaram com saldo nulo. No referido intervalo, os maiores saldos despontaram em *Locação de automóveis sem condutor* (+237 postos), *Transporte rodoviário de táxi* (+171 vagas) e *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, sob regime de fretamento, e outros transportes rodoviários não especificados anteriormente* (+93 vínculos). Por sua vez, *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal, interestadual e internacional* (-150 empregos), *Concessionárias de rodovias, pontes, túneis e serviços relacionados* (-35 postos) e *Locação de meios de transporte, exceto automóveis, sem condutor* (-17 vagas) tiveram os piores resultados, exibindo mais desligamentos do que admissões.

Durante o primeiro semestre de 2023, que diz respeito exclusivamente ao conjunto das 13 zonas turísticas do estado da Bahia, constatou-se o surgimento líquido de 223 empregos com carteira assinada (diferença entre 14.243 admissões e 14.020 desligamentos) – indicando, dessa maneira, uma conjuntura menos robusta em termos de geração de postos de trabalho do que a averiguada no mesmo trimestre do ano imediatamente antecedente, quando 933

<sup>2</sup> Referem-se às classes CNAE 2.0, considerando-se todos os municípios da Bahia, não apenas os das zonas turísticas.

novos vínculos celetistas haviam sido estabelecidos nesse recorte geográfico. Das 13 zonas turísticas do estado, oito delas evidenciaram surgimento líquido de vagas no intervalo mais recente. Os maiores saldos foram observados nas seguintes zonas: Baía de Todos-os-Santos (+343 vagas), Costa do Cacau (+169 postos) e Caminhos do Oeste (+141 postos). Na outra ponta, Costa do Descobrimento (-656 vínculos), Chapada Diamantina (-30 vagas) e Costa do Dendê (-25 empregos) foram aquelas com os piores desempenhos em termos de saldo de postos de trabalho, todas com perda líquida de vagas no período.

O índice foi impulsionado, principalmente, pelo aumento de receita nos ramos de locação de automóveis, restaurantes, hotéis, agências de viagens, transporte rodoviário coletivo de passageiros e serviços de bufê, contribuindo para a atração e a movimentação de turistas no estado. A ampliação das rotas de voos, a realização de grandes congressos, o fomento ao empreendedorismo, a redução da informalidade e o aumento da competitividade dos destinos turísticos foram ações do governo do estado que contribuíram positivamente para o resultado significativo do turismo na Bahia.

Diante dos resultados do primeiro trimestre de 2023, os cenários prospectivos da Organização Mundial do Turismo (OMT)<sup>3</sup> para o ano projetam que as chegadas internacionais recuperem de 80% a 95% dos níveis pré-pandêmicos. Segundo a OMT, a confiança para uma alta temporada (maio-agosto) no Hemisfério Norte, refletida no mais recente Índice de Confiança da OMT, indica que o desempenho do período está a caminho de ser ainda melhor do que 2022.

Mas a recuperação do turismo também enfrenta alguns desafios. Segundo o Painel de Especialistas da OMT, a conjuntura econômica continua a ser o principal fator a pesar na recuperação efetiva do turismo internacional em 2023. Inflação elevada e aumento do preço do petróleo traduzem-se em custos de transporte e alojamento mais elevados. Dessa forma, espera-se que os turistas pesquisem, cada vez mais, a melhor relação custo-benefício e que viajem para mais perto de casa. A incerteza derivada da guerra Rússia-Ucrânia e outras tensões geopolíticas crescentes também representam riscos negativos.

3 TURISMO A CAMINHO DA RECUPERAÇÃO TOTAL, POIS NOVOS DADOS MOSTRAM FORTE INÍCIO PARA 2023. OMT (Organização Mundial do Turismo). Disponível em: <<https://www.unwto.org/news/tourism-on-track-for-full-recovery-as-new-data-shows-strong-start-to-2023>>. Acesso em: 30 maio 2023.

## COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior  
*arthurcruz@sei.ba.gov.br*

Henrique Rocha Reis  
*henriquereis@sei.ba.gov.br*

A economia mundial permanece sujeita a incertezas significativas, com o aumento dos riscos para a estabilidade financeira e a necessidade de vigilância depois da turbulência do setor bancário, embora as ações tomadas pelas economias avançadas tenham reduzido o estresse no mercado. A desaceleração do crescimento global para menos de 3% em 2023 tem como causas a guerra na Ucrânia, as consequências “da pandemia e o aperto monetário. Além disso, as tensões e vulnerabilidades da rápida transição de longo período de juros baixos para taxas muito mais altas – necessárias para combater a inflação – e seus desdobramentos recentes também no setor bancário vêm procrastinando perspectivas de crescimento mais encorpado para este ano.

Mesmo com uma previsão melhor para 2024, o crescimento global permanecerá bem abaixo de sua média histórica de 3,8%. Juntos, os fatores elencados acima significam que as perspectivas para a economia global no médio prazo provavelmente permanecerão fracas.

Em janeiro, o Fundo Monetário Internacional (FMI) previu que o crescimento global diminuiria de 3,4% no ano passado para 2,9% em 2023, depois subiria para 3,1% em 2024.

Após a instabilidade do setor bancário nos Estados Unidos e na Europa, que movimentou o mercado financeiro em março, obrigando os formuladores de políticas a agirem de forma decisiva através dos seus bancos centrais para melhorar o acesso à liquidez em dólares, a boa notícia foi a forte recuperação na economia da China, que é importante não apenas para si mesma, mas para o mundo. Segundo o FMI, “a recuperação robusta significa que a China deve responder por cerca de um terço do crescimento global em 2023, dando um impulso bem-vindo à economia mundial”.

Segundo dados do FMI, a previsão de janeiro para a China coloca o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial em 5,2% este ano, um aumento de mais de dois pontos percentuais em relação à taxa de 2022. Essa expansão é impulsionada pela recuperação antecipada do consumo privado à medida que a economia reabre e as atividades se normalizam. “Com uma recuperação tão sólida, a China pode agora aproveitar o momento positivo e, por meio de políticas abrangentes, manter-se no caminho do crescimento rumo à convergência com as economias avançadas”, arremata o Fundo.

A ameaça mais real hoje ao crescimento do comércio e dos investimentos no mundo está relacionada às tensões geopolíticas e ao crescente protecionismo. A crise chega em um momento que os governos adotam, cada vez mais, a retórica protecionista, desde o apelo dos Estados Unidos, para priorizar as cadeias de suprimentos, “com países com os quais podemos contar” até as restrições de exportação de Washington à tecnologia chinesa de semicondutores. As economias emergentes, mais dependentes do investimento interno de empresas estrangeiras e maiores responsáveis pelo aumento do seu fluxo comercial, provavelmente serão as que mais sentirão o impacto.

A divisão geopolítica EUA-China é hoje o principal risco à perspectiva de crescimento desde a pandemia de covid-19, segundo dados do FMI. Na última década, a parcela dos fluxos de comércio e investimentos entre as economias alinhadas geopoliticamente aumentou mais do que a participação dos países mais próximos geograficamente. Empresas e autoridades têm buscado estratégias para mover processos de produção para países confiáveis, com preferências políticas alinhadas, para tornar as cadeias de suprimentos menos vulneráveis a tensões geopolíticas.

A intensificação da fragmentação global é o mais preocupante fator de limitação ao crescimento mundial em curto e médio prazo, aumentando o risco de uma desaceleração abrupta, diante de uma inflação cronicamente alta, taxas de juros em elevação e incertezas decorrentes da recente turbulência bancária.

Segundo a Organização Mundial do Comércio (OMC), as perspectivas não são de melhora, projetando-se agora crescimento de apenas 1,7% do comércio global, depois do aumento de 2,7% no ano passado. A demanda global tem diminuído e o protecionismo tem aumentado. Para a América do Sul, em que o Brasil tem peso preponderante, a estimativa da OMC é de crescimento das exportações de apenas 0,3%, comparado ao de 1,9% no ano passado. Acerca das importações, a região deve ter contração de 1,6% depois da expansão de 4,2% em 2021. Essa situação reflete a baixa no crescimento econômico, e a tendência é que cada um tente proteger ainda mais seu mercado.

O mundo está cada vez mais dividido e essas divisões possuem muitas ramificações. Mas a mais importante delas é o comércio global. A desaceleração do comércio mundial, a mudança em direção ao nacionalismo econômico e as crescentes demandas do Ocidente, especialmente dos Estados Unidos, por uma dissociação da China estão remodelando a economia mundial. A extensão da dissociação e o alcance do intervencionismo introspectivo ainda permanecem incertos. Contudo, estamos diante de um ponto de inflexão significativo, com desdobramentos imprevisíveis e, muito provavelmente, prejudiciais. No Brasil, o PIB de

2022 finalmente recuperou o nível anterior registrado no terceiro trimestre de quase dez anos atrás, em 2013, ao crescer 2,9%. No entanto, essa recuperação demorou mais do que o desejado e é provável que seja seguida por uma expansão de crescimento medíocre, como de costume. A economia tem reduzido seu ritmo de crescimento a cada trimestre, contraindo 0,2% nos últimos quatro meses do ano passado. Esse efeito era esperado para antes, diante da carga pesada dos juros, mas foi postergado pelos inúmeros estímulos do governo passado em ano eleitoral.

As consequências dos incentivos fiscais e parafiscais foram importantes, mas, como se previa, efêmeras. O aperto monetário começou a contrair a economia no último trimestre de 2022, atingindo primeiramente os investimentos, muito mais sensíveis à taxa de juros, e depois, o consumo e o setor de Serviços.

Se os sinais emitidos pela desaceleração no desempenho da economia, no último trimestre de 2022, se materializarem, o PIB crescerá pouco agora, mais em linha com a previsão do mercado, numa faixa entre 0,8% e 1,2%. Há poucos fatores que impulsionam as atividades e vários elementos que tendem a desacelerá-las. O carregamento estatístico é pequeno, de 0,2%, ao contrário da herança do PIB de 2021.

No *front* externo da economia brasileira, a balança comercial fechou, no primeiro trimestre de 2023, com superávit de US\$ 15,8 bilhões, valor recorde para o período em toda a série histórica. Para alguns economistas, o resultado abre espaço para saldos positivos maiores que o esperado inicialmente, mas com importações caindo mais que as exportações durante o ano, dinamismo que também está nas estimativas oficiais do governo. A queda das importações já contribuiu para o avanço do saldo de janeiro a março deste ano.

Em cenário de queda de preços no mercado internacional, a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) projeta redução de 2,8% nas exportações e de 11,8% nas importações em 2023, contra os números de 2022. O saldo deve chegar a US\$ 84 bilhões, superando em mais de US\$ 20 bilhões o recorde de US\$ 62 bilhões do ano passado. O volume de exportações deve crescer neste ano, mas os preços devem contribuir negativamente. Há tendência de preços menos aquecidos, principalmente para *commodities* energéticas, como petróleo.

A queda de importações já contribuiu para o avanço do superávit comercial do primeiro trimestre, tendência que deve ser mantida até o fim do ano. Embora a evolução de algumas condições ainda seja incerta, uma queda maior das importações em relação às exportações, na comparação com 2022, é o esperado e pode levar a um superávit comercial de US\$ 72 bilhões em 2023.

**Tabela 1**  
**Balança comercial – Bahia – Jan./mar. 2022/2023**

Discriminação	2022	2023	Var. %
Exportações	2.607.865	2.472.817	-5,18
Importações	2.834.675	2.527.556	-10,83
Saldo	-226.810	-54.739	-
Corrente de comércio	5.442.540	5.000.373	-8,12

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 10/04/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Em um ambiente de preços declinantes no mercado internacional, as exportações baianas tiveram recuo de 5,2% no primeiro trimestre, na comparação interanual, alcançando US\$ 2,47 bilhões. O volume embarcado, por sua vez, teve crescimento de 8,8% no mesmo período (3,57 milhões de toneladas), mas foi superado pela redução nos preços, que chegou a -13%, determinando o resultado negativo no período.

A desaceleração da economia mundial e o movimento em direção ao protecionismo econômico estão contribuindo para uma tendência de preços menos aquecidos, principalmente para *commodities* energéticas, como petróleo e minerais. Esse quadro, no entanto, pode ser superado pela retomada da economia chinesa e pelos cortes de produção da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), que reúne países exportadores da *commodity*, elevando suas cotações em médio prazo. Também, com o escoamento da boa safra de grãos a partir de abril, há possibilidade de reversão, já no próximo trimestre, do atual cenário desfavorável.

Em março, as exportações baianas alcançaram US\$ 944,6 milhões, com queda de 11,1%. As importações somaram US\$ 823,5 milhões, com aumento de 3,4% na mesma base de comparação. No mês, o estado contribuiu com US\$ 121 milhões para o superávit comercial do país, que alcançou US\$ 10,9 bilhões.

Nesse primeiro trimestre, as exportações caíram puxadas pela Agropecuária que respondeu pela maior retração no período (-20,3%). As vendas também foram pressionadas por uma redução nos embarques de soja e derivados (-14,8%) e pela queda nos preços, em média de -3,5%.

As exportações da indústria extrativa vêm a seguir com redução de 11,5% no trimestre, mesmo com o aumento nas vendas de *metais preciosos* em 53%, porém suplantado pela queda nas vendas do segmento mineral em 50%. O único setor a ter incremento no mês foi a indústria extrativa, com aumento de 41,8%, graças ao crescimento de 145% nas vendas de ouro.

Já a indústria de transformação respondeu pela menor retração no período (-2%), alimentada pelo aumento nos embarques em 18%, mas pressionada por uma redução nos preços em -16,8% e, por conseguinte, nas receitas dos *derivados de petróleo* (-5,6%). O setor, ainda assim, permanece liderando a pauta no trimestre. Apesar de o registro das exportações de petróleo ser tradicionalmente volátil, a queda nos preços vem ocorrendo nos últimos três meses do ano, resultado de bases mais altas de comparação e tendência, até então, de queda nas cotações do petróleo em razão da esperada desaceleração da economia global.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado tiveram sua tendência de queda interrompida em março, depois dos últimos três meses findos em fevereiro. No mês de março, os preços aumentaram 10,3% ante fevereiro, mas permaneceram em queda quando comparados ao mesmo mês do ano anterior em 3,5%. A queda de preços no comparativo trimestral chega a -13%.

A perspectiva permanece de cenário desafiador para 2023, com a acomodação de preços dos principais produtos da pauta baiana de exportação e a desaceleração do comércio global.

Quanto à rentabilidade, o Real mais forte já reduz o ganho dos exportadores. A valorização nominal do Real ante o Dólar contribuiu para diminuir a rentabilidade das exportações no período e pode limitar o ganho do exportador ainda nos próximos meses. A onda de valorização mais recente deve fazer diferença a partir de abril ou maio, apontam especialistas. Só no primeiro bimestre de 2023 a rentabilidade média das exportações brasileiras caiu 1,3%, contra igual período de 2022.

Em 12 meses, até fevereiro de 2023, segundo dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), a rentabilidade da exportação brasileira recuou 3%. Também nesse período, os preços médios avançaram 11,1% ante os 12 meses anteriores. Mas esse efeito foi mitigado pela valorização nominal de 4,7% do Real ante o Dólar e pelo aumento de 9% do custo de produção, em igual comparação.

O comportamento geral de preços e a alta base de comparação devem ser limitadores da rentabilidade dos exportadores nos próximos meses. O que se espera para este ano é que os preços permaneçam relativamente altos, mas com tendência à acomodação, o que afeta primeiramente as *commodities* e matérias-primas e depois os produtos mais elaborados. Segundo especialistas, a nova onda em curso de valorização da moeda nacional em relação ao Dólar, caso se sustente, deve impactar mais fortemente as exportações a partir de maio.

**Tabela 2**  
**Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-mar. 2022/2023**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2022	2023			
Petróleo e Derivados	721.595	681.546	-5,55	27,56	-16,98
Soja e Derivados	452.653	426.178	-5,85	17,23	10,49
Papel e Celulose	214.530	313.730	46,24	12,69	10,10
Químicos e Petroquímicos	340.442	279.458	-17,91	11,30	-18,35
Metais Preciosos	100.779	154.079	52,89	6,23	-9,97
Metalúrgicos	119.507	124.639	4,29	5,04	-12,86
Minerais	169.198	84.923	-49,81	3,43	58,84
Algodão e Seus Subprodutos	158.705	55.912	-64,77	2,26	-10,46
Café e Especiarias	77.004	51.876	-32,63	2,10	-12,29
Borracha e Suas Obras	37.585	51.718	37,60	2,09	22,67
Cacau e Derivados	59.101	47.767	-19,18	1,93	-7,55
Frutas e Suas Preparações	26.208	25.405	-3,06	1,03	-0,09
Sisal e Derivados	20.910	23.102	10,48	0,93	-16,12
Calçados e Suas Partes	21.718	20.961	-3,49	0,85	14,10
Couros e Peles	19.597	9.329	-52,40	0,38	-37,07
Fumo e Derivados	9.596	9.184	-4,30	0,37	39,79
Carne e Miudezas de Aves	6.859	7.747	12,96	0,31	16,87
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	28.932	4.148	-85,66	0,17	-1,81
Demais Segmentos	22.945	101.114	340,68	4,09	18,14
<b>Total</b>	<b>2.607.865</b>	<b>2.472.817</b>	<b>-5,18</b>	<b>100,00</b>	<b>-12,86</b>

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 10/04/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>  
 Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

O segmento de *petróleo e derivados* segue liderando a pauta este ano com vendas de US\$ 681,5 milhões e queda de 5,6% perante igual período do ano anterior. Para o petróleo, especialistas projetam US\$ 90 por barril de Brent no fim de 2023, depois de revisar a estimativa inicial, de US\$ 100, diante da fuga de capital desse mercado com a crise bancária nos Estados Unidos e na Europa. Em março, a cotação do Brent para junho avançou 7,1%, negociado em torno de US\$ 79,89 o barril.

A reabertura da China levou a um crescimento adicional na demanda de petróleo no país, estimado em um milhão de barris por dia. E essa curva seguirá em ascensão, fazendo com que o excesso de oferta de óleo se converta em déficit a partir de junho, com forte queda dos estoques globais. Os preços vão subir além do que está precificado na curva de futuros.

Os preços externos da soja continuam favoráveis. O estado deve reduzir o volume comercializado, mas deve ser compensado, em parte, pela alta dos preços internacionais. O produto, vice-líder da pauta, embarcou 770 mil toneladas (t) no mês passado, 14,8% a menos do que em igual período de 2022.

As receitas, no entanto, atingiram US\$ 426,2 milhões, com aumento de 5,8%. Isso ocorreu devido à alta de 10,5% nos preços médios no trimestre, na comparação interanual. Com a proximidade do fim da colheita, os embarques de soja devem continuar em ritmo acelerado. De acordo com as novas projeções da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), o país deve embarcar 13,7 milhões de t da oleaginosa em abril, volume 20,8% maior do que o do mesmo mês do ano passado.

O segmento *Papel e celulose* permanece com bom desempenho, com vendas de US\$ 313,7 milhões no trimestre, resultando em crescimento de 46,2% nas vendas e 32,8% nos embarques. Os preços médios estão evoluindo, apresentando-se 10,1% acima em relação ao mesmo período do ano passado, o que tem consolidado a posição do estado da Bahia e o Brasil entre os maiores exportadores de celulose do mundo. Condições climáticas favoráveis e disponibilidade de terras e recursos hídricos integram os atrativos para o aumento da produtividade do setor no estado.

Os produtos *químicos/petroquímicos* somaram 198,3 mil t no primeiro trimestre de 2023, com aumento de 0,53% na comparação com o mesmo período do ano anterior. O ligeiro aumento, entretanto, não evitou a queda na receita, que atingiu US\$ 279,5 milhões, com redução de 18%.

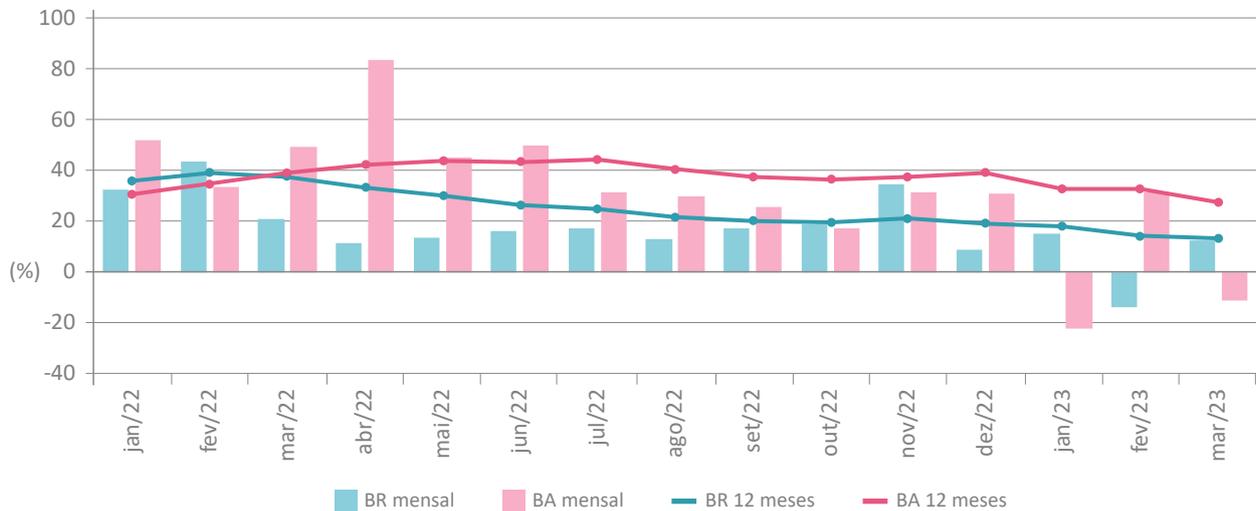
O resultado reflete a menor demanda por termoplásticos e menores oportunidades no mercado internacional, considerando-se os estoques elevados na cadeia global.

Por sua vez, a exclusão das principais resinas termoplásticas – polietileno (PE), polipropileno (PP), PVC e PET– da Lista de Exceções à Tarifa Externa Comum do Mercosul (LETEC) resultou na retomada das alíquotas cheias do Imposto de Importação. Os produtores de resinas, que apontavam risco de paralisação das operações em ao menos uma central petroquímica brasileira devido ao forte aumento das importações, comemoraram a decisão da Câmara de Comércio Exterior (Camex).

A Camex justificou a medida afirmando que a imposição de tarifas reduzidas trouxe dano à indústria química, “com o aumento das importações e queda de preço de venda das resinas nacionais”. “O segmento já havia registrado paralisação em, pelo menos, uma linha de produção de resina PET, em Pernambuco”. Maior produtora das Américas, a Braskem fornece PE, PP e PVC e mostrou, em prévia operacional, que a maior oferta e o enfraquecimento da demanda reduziram as vendas no país no quarto trimestre de 2022. E com o ciclo de baixa enfrentado pela petroquímica global, as margens (*spreads*) seguem encolhendo.

Gráfico 1

## Variação (%) do Comércio Exterior – Exportações – Bahia/Brasil – 2022-2023



Fonte: MDIC/Secex.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

A China voltou a despontar na liderança dos destinos para as exportações estaduais no trimestre, mesmo com uma variação negativa de 23,2%. Singapura ficou na segunda posição, com 14,8% de participação e queda de 5,8% em relação ao igual período de 2022, devido à redução dos embarques de combustíveis e cobre. Os Estados Unidos, por sua vez, registraram aumento de 11,7% nas compras (celulose, nafta, pneus, químicos e café, dentre os mais importantes). O aumento das vendas para os EUA não parece ser ocorrência pontual porque esse crescimento foi impulsionado pelo aumento de volume, indicando alta da demanda americana.

## IMPORTAÇÃO

No acumulado dos três primeiros meses do ano, as importações também perderam força e registraram queda de 10,8%, atingindo US\$ 2,53 bilhões e queda de 10,8% no comparativo interanual.

Como possível indicador de recuperação, as importações cresceram 3,4% em março, no comparativo interanual, impulsionadas pelo aumento nas compras de *bens de capital* (máquinas e equipamentos), o que demonstra vigor na ampliação ou geração de novos empreendimentos industriais.

O principal fator para a queda nas importações no trimestre foi o tombo de 38,6% nas compras internacionais de combustíveis, contra igual período de 2022. Essa categoria econômica responde atualmente por cerca de 30% do valor desembarcado no estado. A redução mostra

que a demanda está baixa e as perspectivas de recuperação maior da produção também estão reduzidas, já reflexo de uma economia doméstica desacelerada. Deve-se ressaltar que a queda na importação de combustíveis, no primeiro trimestre de 2023, veio por preço e por volume, com recuo de 11,2% e de 30,8%, respectivamente. Contribuiu para essa redução a ausência de importação de Gás Liquefeito de Petróleo (GNL), comprado em larga escala no trimestre passado para abastecer as termoelétricas, acionadas por conta da crise hídrica em 2021.

**Tabela 3**  
**Importações baianas por categoria de uso – Jan.-mar. 2022/2023**

Discriminação	2022	2023	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	1.489.394	1.639.203	10,06	64,85
Combustíveis e Lubrificantes	1.169.939	718.747	-38,57	28,44
Bens de Capital (BK)	117.264	129.585	10,51	5,13
Bens de Consumo (BC)	58.077	39.944	-31,22	1,58
Bens não Especificados Anteriormente	0	77	-	0,00
<b>Total</b>	<b>2.834.675</b>	<b>2.527.556</b>	<b>-10,83</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 10/04/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

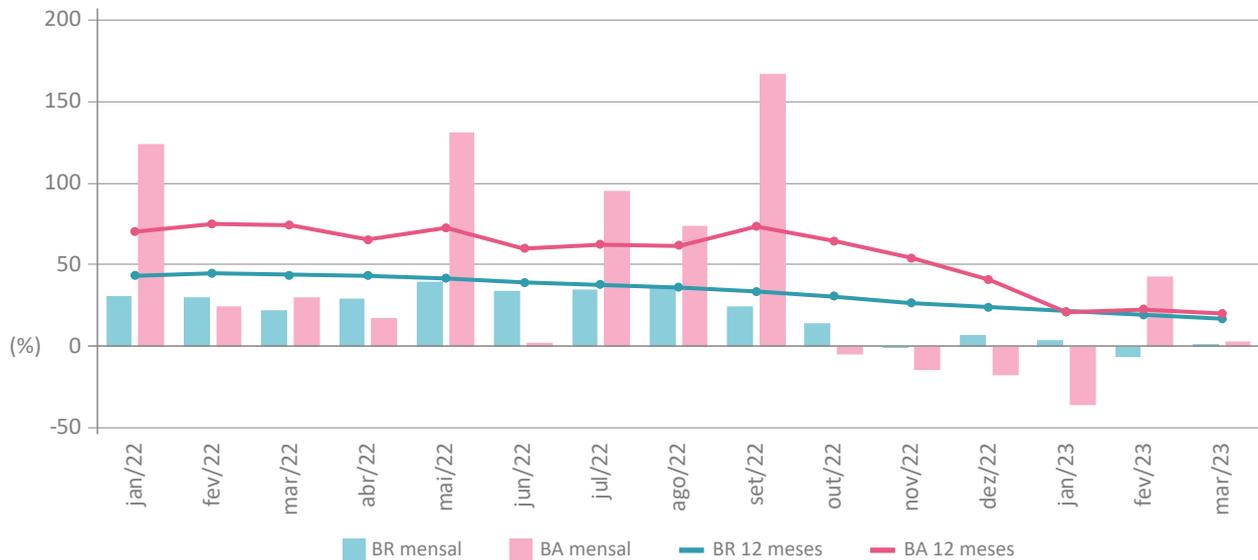
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A recuperação da importação passa pela retomada do desembarque substancial de *bens intermediários*, que historicamente representam entre 65% a 70% do total das importações estaduais. Esses produtos devem permanecer menos pressionados, com acomodação das pressões inflacionárias globais, propiciada pela redução dos custos com frete marítimo e pela queda na demanda global por bens, em favor de serviços. Os volumes importados pela Bahia, entretanto, devem arrefecer, em consonância com o cenário de desaceleração da economia doméstica.

Gráfico 2

## Variação do Comércio Exterior – Importações – Bahia/Brasil – 2022/2023



Fonte: MDIC/Secex.  
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

O que pode reduzir esse comportamento seria uma reação maior que a esperada da demanda doméstica no segundo semestre de 2023, o que aceleraria as importações. Por enquanto, o que está sendo observado é um baixo crescimento da economia doméstica, com alta do PIB entre 0,8% e 1,2% para este ano.

A importação deve sofrer ainda o efeito da queda do preço internacional de *commodities*, principalmente combustíveis. Portanto, é provável que a importação da Bahia seja menor este ano e, como resultado, o estado tenha um crescimento do saldo comercial.

Por fim, os principais fornecedores de bens para a Bahia no primeiro trimestre foram os Estados Unidos que, mesmo registrando queda de 52,4% em suas compras, mantiveram a maior participação dentre os fornecedores no período, com 21,5%. União Europeia, Angola (devido às compras de petróleo cru feitas pela Acelen) e China também continuaram entre os quatro maiores fornecedores ao estado em 2023.

## FINANÇAS PÚBLICAS

Eduardo Augusto Santos Brito  
*eduardobrito@sei.ba.gov.br*

Gabriel Oliveira Barbosa  
*gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br*

Marília Jane Campos  
*mariliajane@sei.ba.gov.br*

Nesta seção do boletim, apresenta-se o quadro das finanças públicas da Bahia no primeiro trimestre de 2023. Inicia-se com um breve relato das ocorrências no cenário mundial que têm reflexos nas economias em nível global, principalmente nos países emergentes dos quais o Brasil faz parte. Em seguida, há um breve comentário sobre o Relatório do Orçamento federal nesse período e, por fim, destaca-se o comportamento da arrecadação da Bahia, com foco no Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS).

Segundo o relatório de finanças públicas do Fundo Monetário Internacional (FMI), as crises oriundas da pandemia de covid-19 e do conflito entre a Rússia e a Ucrânia parecem ter arrefecido após os choques iniciais. A economia mundial tem-se recuperado relativamente rápido.

O tecido econômico e social até agora resistiu às interrupções no fornecimento de energia e de alimentos, mas os choques reverteram os ganhos conquistados em termos de redução da extrema pobreza, provavelmente adiando a meta de erradicá-la até 2030.

Nos países em desenvolvimento, a falta de espaço fiscal em meio aos altos custos de empréstimos bloqueou ainda mais o avanço em direção aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) – progresso que já era lento antes da pandemia.

Os preços dos alimentos em moeda nacional continuam em alta em vários países, devido em parte, às depreciações da taxa de câmbio e aos ainda altos preços do gás, do petróleo e dos grãos.

No Brasil em particular, observa-se, nesse primeiro trimestre, um movimento de apreciação cambial, resultado tanto da desvalorização do Dólar – que não deve ser continuada, dado o movimento do Banco Central dos Estados Unidos, o Federal Reserve (Fed), aumentando as taxas de juros do país –, quanto de um relativo arrefecimento de movimentos especulativos ocorridos no final do ano passado (descontrole fiscal) e no início de 2023 (expectativas e incertezas relativas à entrada de um novo governo).

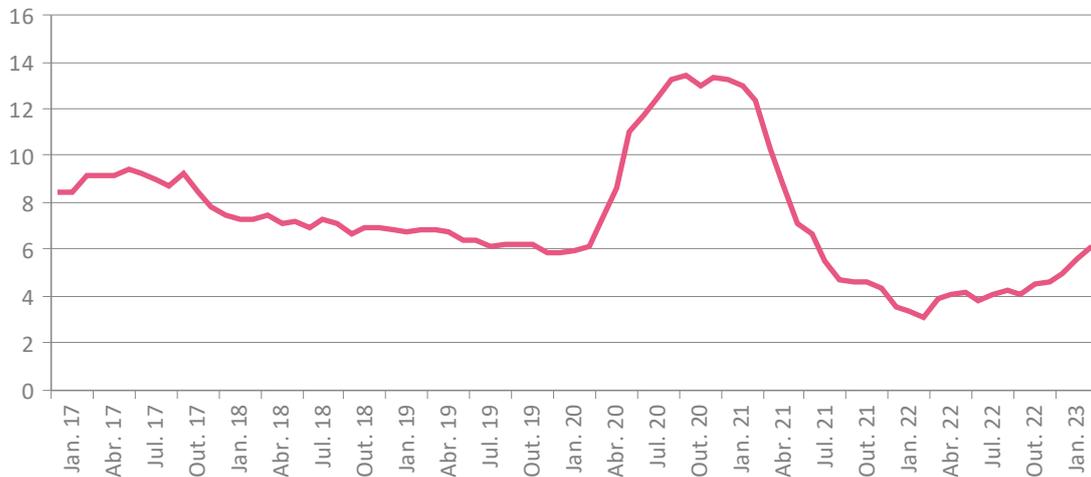
De modo geral, devido à pandemia, a relação endividamento público em proporção ao Produto Interno Bruto (PIB) dos países elevou-se consideravelmente, devido a uma forte contração econômica e a um massivo suporte fiscal por parte dos governos.

Atualmente, no cenário global, observa-se uma considerável redução dos déficits fiscais primários, como uma tendência predominante, em decorrência de uma agenda fiscal mais restritiva. Ao mesmo tempo, há uma redução dos déficits nominais devido a uma política monetária mais rígida, visando conter a inflação. Apesar da melhora generalizada em termos fiscais, em alguns países em desenvolvimento ou de baixa renda *per capita* – particularmente aqueles de alto endividamento em moeda externa –, a situação continua a se deteriorar. Muitos países têm convivido com o perverso (e retroalimentador) mix de aumento da dívida pública, desvalorização cambial, alta da inflação e aumento dos juros.

No Brasil, especialmente no que se refere aos estados, a redução do déficit fiscal tende a ser mais difícil e lenta, ainda devido aos impactos das renúncias aprovadas ou decretadas em 2022. Em 2023, o novo governo optou por eliminá-las de forma gradual.

Tais dificuldades, somadas à política monetária restritiva – que eleva os custos da dívida pública – e ao ainda baixo crescimento da economia, explicam em parte o crescimento das necessidades de financiamento do setor público nos últimos meses. A razão dívida líquida do setor público em relação ao PIB segue praticamente estável: fechou o ano de 2022 em 57,06%, e o primeiro trimestre de 2023 em 57,16%. O Gráfico 1 mostra a evolução mensal das necessidades de financiamento do setor público (NFSP) desde 2017, no qual nota-se uma piora a partir do último trimestre de 2022.

**Gráfico 1**  
**NFSP – Fluxo acumulado em 12 meses – Resultado nominal – % do PIB**  
**Brasil – 2017/2023**



Fonte: Banco Central do Brasil.  
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Ao analisar o relatório do orçamento federal referente ao primeiro bimestre de 2023, percebe-se que o esforço de redução das despesas – tanto correntes quanto de capital, ambas apresentando leve declínio – não foi suficiente para compensar a queda das receitas. Apesar da trajetória levemente crescente das receitas correntes, as receitas de capital e as patrimoniais apresentaram forte queda. As receitas correntes apresentaram trajetória levemente crescente, mas a queda das receitas de capital e as receitas patrimoniais apresentaram forte queda.

O relatório indica que a queda das receitas foi influenciada pelo grupo das receitas patrimoniais. Somente as receitas oriundas das licenças para exploração de recursos naturais caíram R\$12.643,48 milhões. Também houve forte queda na receita de serviços–motivada principalmente pelos serviços e atividades financeiras.

Do lado das despesas, destaque para a queda do pagamento de juros e encargos da dívida e para a subida da rubrica referente a amortizações e refinanciamentos da dívida. Na soma das três, o governo gastou montante superior a R\$220 bilhões. Uma possível explicação é que, com a política monetária mais restritiva, o mercado passou a eleger do governo a amortização de suas dívidas mais antigas, no intuito de adquirir novos títulos, de maior remuneração.

Em pronunciamentos públicos na imprensa, persiste a disputa entre governo federal – por meio de alguns de seus principais representantes, dentre eles o próprio presidente – e o Banco Central (Bacen). Enquanto o governo almeja uma política monetária menos restritiva, que dê maior estímulo à atividade econômica, o Bacen não sinaliza diminuição da taxa de juros no curto prazo. O argumento do Bacen é que, para se dar início a uma trajetória de queda da taxa de juros (Selic), é necessário que o governo estabeleça uma meta fiscal consistente.

O entendimento do Bacen encontra apoio na teoria tradicional, de matriz ortodoxa. Segundo essa teoria, o ajuste fiscal, ao melhorar os resultados primários, seria capaz de reduzir o prêmio de risco da dívida, ou seja, os juros. Por sua vez, o aumento da taxa de juros contribui para o aumento dos déficits nominais e, em consequência, do endividamento público.

### Panorama Baiano

O ICMS na Bahia apresentou queda de 9,28% (13,32% em termos reais) no primeiro trimestre de 2023 em relação ao mesmo período do ano anterior, com uma arrecadação total de R\$7.903.914.759,85. Pode-se considerar essa queda atípica, haja vista que a arrecadação do primeiro trimestre tem-se mostrado sempre crescente na comparação entre anos. Por exemplo, houve um acréscimo real de 23,55% no primeiro trimestre de 2022, na comparação com o mesmo período do ano anterior. O Gráfico 2 indica a evolução da arrecadação de ICMS em termos reais.

**Gráfico 2**

**Arrecadação de ICMS – Bahia – Preços constantes (Mar. 2020) – Evolução trimestral**



Fonte: Secretaria da Fazenda da Bahia.  
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Atribui-se como causa principal da queda do ICMS a Lei Complementar n.º 194/2022, que estabeleceu que os combustíveis, o gás natural, a energia elétrica, as comunicações e o transporte coletivo não podem ser considerados bens supérfluos e, portanto, passam a ter um limite máximo (18% no caso baiano) para as alíquotas do ICMS. Além disso, a Lei Complementar n.º 192/2022 também impactou negativamente na arrecadação do estado, pois reduziu a base de cálculo do imposto sobre derivados de petróleo ao incidir o percentual não sobre o preço, mas sim sobre a unidade de medida.

Para ilustrar o impacto de tais medidas, dados da arrecadação do ICMS demonstram que o segmento petróleo sofreu queda de 50,04%, com maior decréscimo na distribuição de *Gás Liquefeito de Petróleo (GLP)* (-80,21%) e na extração de refino (-47,71%).

Outros segmentos também registraram perdas significativas, como *metalurgia* (-6,14%), *química* (-9,19%) e *mineração e derivados* (-14,06%). A arrecadação do setor industrial como um todo, no entanto, manteve-se estável. O setor do Comércio mostrou resultados positivos em todos os segmentos, com destaque para os *supermercados* (11,07%). No setor de Serviços, destaca-se a queda significativa no subsegmento *comunicações* (-47,7%), também impactado por redução de alíquotas, além da migração de usuários para aplicativos como WhatsApp.

Na tentativa de compensar as perdas, foi aprovado, no final de janeiro, o aumento da alíquota modal de 18% para 19%. Por lei, a cobrança só pode ser realizada após 90 dias. De acordo com estudo divulgado pelo Comitê Nacional de Secretários de Fazenda dos Estados e do Distrito Federal (Comsefaz), foram retirados, por exercício fiscal, mais de R\$ 124 bilhões da arrecadação do tributo estadual em todo o país, com impacto também nos orçamentos das prefeituras, já que os estados repassam aos municípios 25% do total arrecadado com o ICMS.

Segundo o relatório bimestral da receita corrente, divulgado pela Secretaria da Fazenda (Sefaz), o montante do Fundo de Participação dos Estados (FPE) recebido pela Bahia chegou a R\$3.057.784.464,93, o que representa um acréscimo de 10,34% em relação ao primeiro bimestre do ano anterior.

Tal crescimento reflete tanto o aumento das transferências da União aos entes federados – que superou a previsão da Lei Orçamentária Anual (LOA) – quanto o aumento do coeficiente individual baiano de participação no FPE, de 2022 para 2023. O Gráfico 3 apresenta a trajetória do FPE nos últimos 24 meses, a preços constantes.

**Gráfico 3**  
**Fundo de Participação dos Estados – Bahia – Mar. 2021-fev. 2023**  
**Preços constantes (Fev. 2020)**



Fonte: Secretaria da Fazenda da Bahia.  
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.

A tendência de crescimento observada decorre principalmente do aumento da arrecadação do Imposto de Renda, especialmente do Imposto sobre a Renda das Pessoas Físicas (IRPF), que aumentou a base de arrecadação nos últimos anos (maior inflação e zero reajuste nas alíquotas). Espera-se que haja desaceleração dessa tendência nos próximos meses, com correção da tabela.

No total as transferências foram de R\$3.509.510.300,09. Destes, R\$960.808.692,57 foram repassados ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). A receita corrente líquida do bimestre foi de R\$8.661.715.695,84, dando seguimento à trajetória de crescimento.

## PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos  
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Carol Vieira  
carolvieira@sei.ba.gov.br

Denis Veloso  
dveloso@sei.ba.gov.br

### PIB baiano cresce 1,1% no primeiro trimestre de 2023

Na análise sazonal, o crescimento foi de 0,7%

Os cálculos realizados pela Coordenação de Contas Regionais da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) mostram que o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1,1% no primeiro trimestre de 2023 em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior. Na comparação com o quarto trimestre de 2022, excluindo-se as variações sazonais, o resultado foi crescimento de 0,7%.

**Tabela 1**  
**PIB trimestral – Bahia – 2023(1)**

Períodos	Taxas (%)
1º trim. 2023-1º trim. 2022	1,1
1º trim. 2023-4º trim. 2022 (sazonal)	0,7

Fonte: SEI.

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Nota: (1) Dados sujeitos a retificação.

### PIB em Valor Corrente

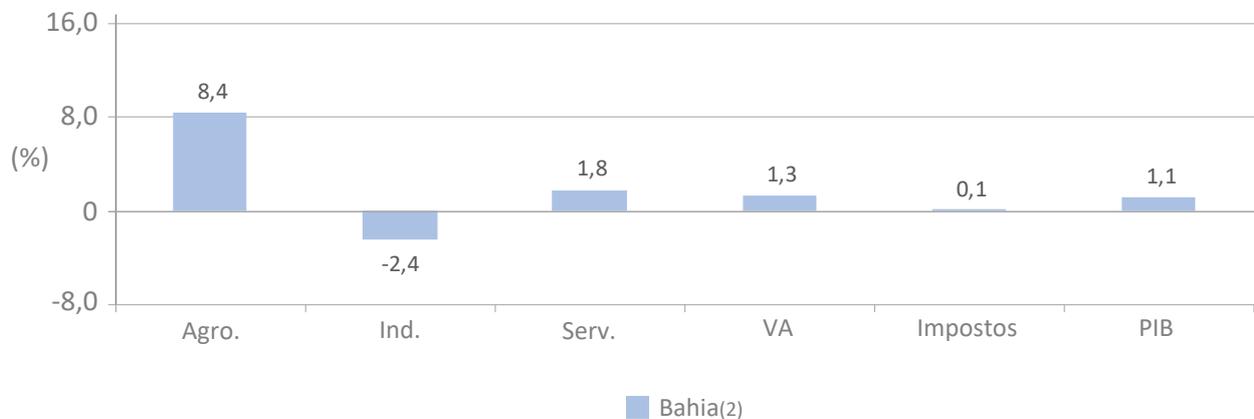
No primeiro trimestre de 2023, o PIB baiano totalizou R\$ 109,3 bilhões, sendo R\$ 97,6 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos, e aproximadamente R\$ 11,7 bilhões, aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a Agropecuária apresentou VA de R\$ 6,3 bilhões, a Indústria, de R\$ 31,4 bilhões, e os Serviços, de R\$ 59,9 bilhões.

#### 1º Trimestre 2023/ 1º Trimestre 2022

Quando comparado a igual período do ano anterior, o PIB da Bahia apresentou resultado positivo de 1,1% no primeiro trimestre de 2023, conforme dados apurados pela equipe de Contas Regionais da SEI. O VA apresentou variação de 1,3% e estabilidade dos impostos sobre produtos líquidos de subsídios (+0,06%). Dois setores registraram expansão: Agropecuária, com taxa positiva de 8,4%, e Serviços, com alta de 1,8%. A retração ficou por conta do setor industrial com taxa de -2,4%.

Gráfico 1

## Variação dos setores do Produto Interno Bruto – Bahia – 1º trim. 2023(1)



Fonte: SEI (2023).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

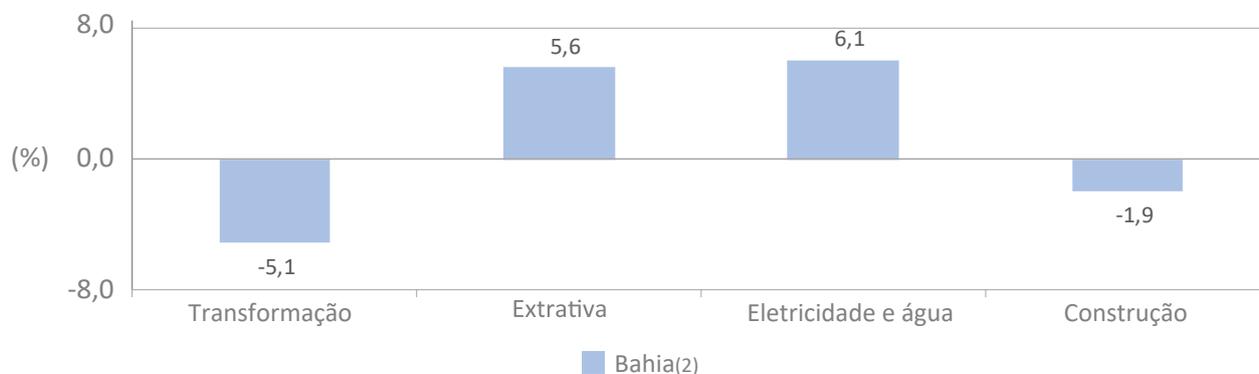
Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O crescimento do setor agropecuário baiano no primeiro trimestre de 2023 foi de 8,4%, ante o mesmo período do ano anterior. O resultado positivo resulta da alta da pecuária, bem como dos produtos com maior relevância para os três primeiros meses do ano, que se destacaram positivamente nas previsões de safra, com ênfase para a produção de grãos. Além disso, estima-se crescimento tanto na área plantada quanto no rendimento médio do conjunto das lavouras pesquisadas.

A taxa do setor industrial da Bahia, no primeiro trimestre de 2023, foi de -2,4% ante o mesmo período do ano anterior. A retração foi proveniente das taxas negativas das atividades da Transformação (-5,1%) e da Construção (-1,9%), que juntas representam quase 80% da indústria geral baiana. Enquanto isso, a atividade de *produção e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto* obteve alta de 6,1%, seguida das indústrias extrativas (+ 5,6%).

**Gráfico 2**  
**Variação das atividades da Indústria – Bahia – 1º trim. 2023(1)**



Fonte: SEI (2023).

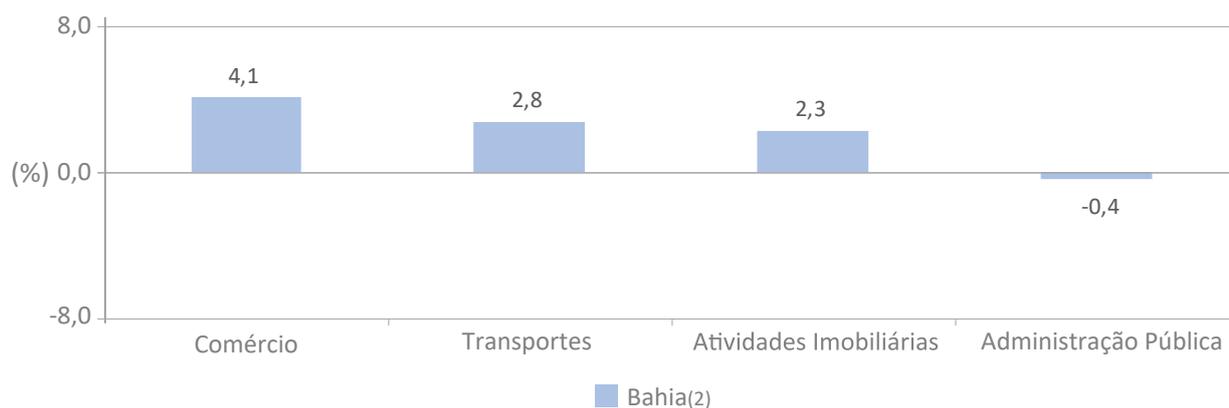
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de Serviços baiano registrou alta de 1,8% no primeiro trimestre do ano. O VA do Comércio registrou expansão de 4,1%, tendo as *Atividades imobiliárias* crescimento de 2,3% e os *Transportes*, de 2,8%. Destaca-se, ainda, o crescimento do grupo *Outros Serviços*<sup>1</sup>, com expansão de 12,3% no primeiro trimestre de 2023. Já a *Administração pública* – atividade com maior peso na economia baiana – registrou queda de 0,4%.

**Gráfico 3**  
**Variação das atividades de Serviços – Bahia/Brasil – 1º trim. 2021(1)**



Fonte: SEI (2023).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

<sup>1</sup> Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços Domésticos.

## MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo  
*luizlobo@sei.ba.gov.br*

Um novo ano se iniciou, mas não um ano qualquer. Trata-se de um ano em que a condução política do país – sob o aval da maioria dos brasileiros – passa a seguir novas diretrizes. Nesse novo contexto, apesar de expectativas favoráveis, dúvidas não param de surgir. No tocante à realidade do emprego e da renda, por exemplo, é pertinente questionar se o mercado de trabalho seguirá a rota de recuperação recente e se continuará avançando em ritmo semelhante ao observado no ano imediatamente anterior. Tudo indica que o progresso do mercado de trabalho daqui em diante, depois de praticamente esgotada a fase de reabilitação decorrente do processo de flexibilização e normalização das diversas atividades econômicas, vai depender muito mais da capacidade de crescimento da economia como um todo. Dessa forma, resta saber se o dinamismo econômico se dará em amplitude suficiente para servir de retaguarda a uma evolução mais consistente do mercado de trabalho. Por ora, parece que os principais indicadores do mercado de trabalho continuarão melhorando ao longo de 2023, mas os avanços tendem a se dar de forma relativamente mais comedida do que outrora – percepção que pode mudar com o passar dos meses.

Com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADContínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), este texto visa expor, sem se constituir em uma análise aprofundada, as principais informações da conjuntura recente do mercado de trabalho baiano, contrapondo tais estatísticas com as da realidade nacional e regional quando houver pertinência.

De acordo com os dados do Caged, de janeiro a março de 2023, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho no estado se ampliou, devido ao surgimento de 21.141 novos postos de trabalho. Ao fim do trimestre inaugural deste ano, portanto, a Bahia passou a contar com 1.922.690 vínculos celetistas ativos, uma elevação de aproximadamente 1,11% sobre o quantitativo de 1.901.549 empregos do início do ano (estoque de referência). Dessa forma, ao término do referido trimestre, a Bahia concentrava 27,28% e 4,47% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – mantendo-se, assim, com o maior volume de vínculos formais do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Na Bahia, em contraponto aos trimestres de referência, constatações distintas. Quanto ao mesmo trimestre de um ano antes, o saldo atual se revelou menor, já que a ocupação com carteira assinada havia incorporado 33.625 novos vínculos à época. No comparativo com o

quarto trimestre de 2022, intervalo que evidenciou perda líquida de 5.698 vagas, o resultado mais recente se mostrou bem superior. Assim, no estado, o dado mais recente, com saldo de 21.141 novos postos não apenas evidencia uma ampliação pontual do nível de emprego como também sugere um provável retorno do movimento de revigoração do mercado de trabalho local. Isso é significativo, visto que o resultado negativo do trimestre imediatamente antecedente significou a interrupção de uma trajetória de nove trimestres seguidos com expansão do estoque de emprego formal.

A dinâmica com mais admissões do que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do primeiro trimestre de 2023 na Bahia. O mês de março foi o de maior saldo no período, com 9.324 novas vagas – melhor resultado mensal desde setembro de 2022. Os meses de janeiro e fevereiro testemunharam excedentes menos destacados, com 3.685 e 8.132 novos postos, respectivamente. Além de positivos, os resultados se mostraram crescentes ao longo dos três meses iniciais do ano – diferentemente do que foi visto nos meses finais do ano passado, quando certa perda de fôlego na geração de empregos formais começou a se revelar. Entretanto, vale salientar, apenas um dos meses (março, no caso) do intervalo observado evidenciou saldo superior ao de um ano atrás.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no agregado dos meses de janeiro a março de 2023, com 526.173 postos a mais. Ademais, todas as regiões ampliaram o número de postos de trabalho no referido período. Em termos absolutos, o Sudeste (+243.893 postos) evidenciou o melhor desempenho e o Norte (+21.502 postos) exibiu o cenário menos favorável. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em 25 delas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 21.141 oportunidades ocupacionais, ficou na oitava posição, 12 colocações acima da verificada no intervalo anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia evidenciou o melhor resultado absoluto, enquanto Ceará (+6.812 postos) e Paraíba (-1.952 vagas) exibiram o segundo maior e o menor saldo regional no trimestre analisado, respectivamente.

No primeiro trimestre de 2023, o crescimento de empregos com carteira assinada na Bahia alcançou quatro dos cinco grandes estratos setoriais. O setor de Serviços destacou-se com o desempenho mais proeminente, com a contratação líquida de 12.659 trabalhadores no período. O setor de Construção, com 5.233 novos contratos, também indicou um saldo relativamente proeminente, evidenciando o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com resultados positivos menos protuberantes, vieram a Agropecuária (+3.325 postos) e a Indústria geral (+1.670 vagas). Por sua vez, o Comércio foi o único com encolhimento do nível de emprego, contabilizando uma perda líquida de 1.746 vínculos.

Segundo os dados do levantamento mais recente da PNADContínua, na Bahia, a taxa trimestral de desocupação voltou a aumentar, atingindo 14,4% no primeiro trimestre de 2023. Assim, após um roteiro descendente em 2022 – com três baixas sucessivas depois de uma elevação no conjunto dos três meses inaugurais daquele ano –, o ano de 2023 começou com uma interrupção dessa tendência de queda. Essa quebra, no entanto, não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano em início de ano (em parte, associado a fatores sazonais), tendo sido observado em todos os anos da série.

No movimento mais recente, a taxa de desocupação passou de 13,5%, no último trimestre do ano passado, para 14,4% no primeiro deste ano, respectivamente – um aumento de 0,9 ponto percentual na margem. Apesar dessa oscilação para cima, a estimativa trimestral mais recente do desemprego na Bahia (13,5%) continua bem abaixo do seu auge, ocorrido no primeiro trimestre de 2021 (21,7%) – lembrando que seu menor valor histórico ocorreu no quarto trimestre de 2013, quando atingiu 9,1% da força de trabalho local. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2022, quando o indicador foi estimado em 17,6%, porém, houve decréscimo, com a taxa mais recente ficando 3,2 pontos percentuais abaixo.

Além da Bahia, outras 22 unidades da Federação apresentaram expansão na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação) – no caso, três apresentaram variação para cima (Acre, Amapá e Espírito Santo) e uma não exibiu variação (Sergipe). A maior elevação (absoluta e relativa) ocorreu em Roraima (com a taxa passando de 4,6% para 6,8%). No mais, pelo quinto intervalo consecutivo, a maior estimativa continuou sendo a da Bahia – antes disso, do segundo ao quarto trimestre de 2021, o indicador do estado havia sido o segundo maior do país. Na outra ponta, Rondônia (3,2%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduziu em um percentual mais de quatro vezes acima do observado no território rondoniense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram em 8,8% e 12,2%, respectivamente.

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou queda na ocupação (-2,6% ou menos 159 mil ocupados) e alta na desocupação (+5,2% ou mais 49 mil desocupados). Assim, a ocupação voltou a recuar após ter expandido, enquanto a desocupação aumentou após três recuos consecutivos. Dessa forma, em relação ao intervalo antecedente, a retração da ocupação combinada com a ampliação do número de desocupados resultou numa expansão da taxa de desocupação no estado no trimestre mais recente. O movimento ascendente da taxa de desocupação nessa base comparativa, portanto, esteve atrelado tanto ao encolhimento do número de pessoas trabalhando quanto ao aumento do total de indivíduos sem trabalho e que estavam

procurando uma ocupação. No comparativo interanual, por sua vez, houve aumento de pessoas trabalhando (+0,5% ou mais 29 mil ocupados) e redução de pessoas procurando por trabalho (-20,5% ou menos 256 mil desocupados).

O contingente de ocupados no conjunto dos meses de janeiro a março de 2023 na Bahia, com 5,893 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, reforçado pela contração na margem, revelou-se o menor desde o registrado no primeiro trimestre de 2022 (5,864 milhões) – muito acima, entretanto, do menor valor da série, de 4,869 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia de covid-19). Esse montante, porém, já foi de 6,451 milhões, em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada, composta por 994 mil indivíduos, apesar da expansão na margem, revelou o segundo menor volume de baianos desocupados desde o estimado para o quarto trimestre de 2015 (889 mil) – já tendo sido, todavia, de 634 mil indivíduos no último trimestre de 2013, melhor marca da série no estado. Por fim, após ter recuado, o número de pessoas sem trabalho subiu pela terceira vez em sequência, chegando a 5,216 milhões – oscilação desfavorável, já que mantém tal quantitativo num patamar maior do que qualquer outro de antes da pandemia, com potencial para repercutir negativamente na desocupação, caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

Na Bahia, no trimestre mais recente, comparativamente ao anterior, após dois recuos em sequência, o número de informais aumentou. O quantitativo de formais, por sua vez, retraiu após ter aumentado. A contração do montante de formais (-168 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude maior do que a alta da ocupação na informalidade (+11 mil pessoas). Ou seja, a retração atual da ocupação no estado ocorreu exclusivamente na esfera da formalidade, o que ampliou a informalidade na margem. Assim, nesse contexto de eliminação de trabalhadores exclusivamente do polo protetivo, o recuo geral da ocupação assumiu um caráter ainda mais deletério, já que prejudicou o estrato do mercado de trabalho que tende a oferecer empregos de maior qualidade e com mais garantias. Por fim, o período de janeiro a março de 2023 contabilizou 3,167 milhões de ocupados na informalidade e 2,727 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 53,7% (ante 52,1% no quarto trimestre de 2022), o quarto maior do país. No Brasil como um todo, 39,0% dos trabalhadores se encontravam na informalidade no primeiro trimestre de 2023.

O rendimento médio real e mensal das pessoas ocupadas, no primeiro trimestre de 2023, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.882 – o segundo mais baixo entre as unidades federativas (acima apenas do Maranhão, com média de salário estimada em R\$ 1.853). Dessa maneira, o rendimento médio dos baianos mostrou-se equivalente a 65,3% e a 95,1% do rendimento

médio dos brasileiros e dos nordestinos, que foram, respectivamente, de R\$ 2.880 e R\$ 1.979 no referido trimestre. Em relação ao mesmo intervalo de 2022, quando a média salarial estava em R\$ 1.781 (quarto menor valor da série), houve alta de 5,7% (ou seja, mais R\$ 101) – a segunda expansão consecutiva após oito retrações seguidas nessa base de comparação. Comparado com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.833, ocorreu uma variação positiva de 2,7% (mais R\$ 49), indicando a terceira alta consecutiva.

A massa de rendimento real e mensal das pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 10,801 bilhões, significando uma elevação de 0,1% ante o quarto trimestre do ano passado (de R\$ 10,786 bilhões) e de 8,0% no comparativo com o total do período correspondente do ano antecedente (cujo valor havia sido de R\$ 10,002 bilhões). Trata-se do maior montante desde o primeiro trimestre de 2020. A Bahia, assim, no primeiro trimestre do ano, concentrou, respectivamente, 3,9% e 25,6% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina. Enfim, após ter recuado, a massa de rendimento real aumentou pela quinta vez seguida na margem – elevação decorrente do crescimento do rendimento médio real, já que houve encolhimento da população ocupada nessa base de comparação. No comparativo interanual, por sua vez, a alta recente também significou a quinta expansão consecutiva, mas depois de um período com sete quedas em sequência, a alta aqui, por sua vez, decorreu tanto do aumento da ocupação quanto da elevação do rendimento médio real de todos os trabalhadores.